This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 467083 DUPL

PROPERTY OF
University of
Michigan
Libraries

Augusto Luso da Silva

Ultimos versos

Poesias ineditas com um prefacio de José Pereira de Sampaio (Bruno) e o retrato do autor.

EDITOR
Manoel Thomé de Castro Junior
Campo da Regeneração, 157
PORTO

1907

30.00
Enc. 80.00

ULTIMOS VERSOS

DO MESMO AUTOR

A ENTRAR NO PRELO

Mólluscos terrestres e fluviaes de Portugal, com o catálogo do seu museu particular.

Horas vagas, primoroso livro de história natural, cartas populares, etc.

Augusto Lusa da Silva

Ultimos versos

Poesias ineditas com um prefacio de José Pereira de Sampaio (Bruno) e o retrato do autor.

PORTO
COMPOSTO E IMPRESSO NA
IMPRENSA NACIONAL
DE Jayme Vasconcellos & Irmão
35, Rua da Picaria, 37

1907

869.8
S5819
1907

593750-176

AO

SENHOR

Dr. José Corrêa Pacheco

offerece e dedica a edição d'este livro

Manoel Thomé de Castro Junior.

NOTA

Honro-me de ter tido como mestre e amigo Augusto Luso da Silva, e é no intuito de revelar ao público a vastidão dos seus conhecimentos que me entrego a colligir-lhe os differentes escritos, uns inéditos, outros publicados já em differentes revistas e jornais.

O livrinho que hoje sai a lume apenas comprehende uma pequena parte das suas composições poéticas.

Não posso neste lugar omittir o nome respeitado do Ex.mo Snr. José Pereira de Sampaio, a quem, embora de todo desconhecido, me abalancei a pedir o prefacio que enriquece a presente edição e que obsequiosamente se prestou a collaborar comigo nesta homenagem ao que foi seu mestre, collega e amigo.

Ao erudito escritor aqui deixo consignado o meu mais íntimo e perduravel reconhecimento.

Porto, Junho de 1907.

O Editor.

PREFACIO

O auctor d'este livro foi meu professor no lyceu do Porto, onde regeu com assignalada proficiencia a cadeira de cosmographia, geographia, chronologia e historia; e em 1895 publicou n'esta cidade uma vulgarisadora *Chronologia domestica*, onde explanou, com ordem e clareza, o conjuncto dos conhecimentos uteis a todas as pessoas sobre o kalendario e seu uso. De 1888 era já a quarta edição dos *Elementos de geographia e chorographia de Portugal, com idéas geraes de cosmographia e chronologia.* Estes elementos os dedicou Augusto Luso para uso dos alumnos d'ambos os sexos que se habilitam para os exames de instrucção primaria, tanto de admissão aos lyceus, como de instrucção primaria e complementar; a obra foi justamente approvada pelo Conselho Superior de Instrucção Publica. Em 1881 havia sahido a lume o *Compendio de geographia para uso dos lyceus;* n'este

seu livro comprehendera o auctor idéas cosmographicas, e geographia mathematica, applicações á chronologia, medidas do tempo e calendarios; geographia physica geral e especial, e geographia politica. N'este *Compendio* dá Augusto Luso noticia expositiva do apparelho que imaginou e a que deu o nome de *Isemerioscopio,* de cujos fins nos adverte.

O *Isemerioscopio,* além de nos mostrar os movimentos de rotação e de translação da terra, dando-nos, portanto, a conhecer como se formam os dias e as noites, os annos e as estações, diz-nos o inventor que tem por fim principal deixar-nos vêr o movimento conico do eixo da terra, a lentidão da sua marcha em volta do eixo da eclyptica, dando uma volta completa em tanto que a terra dá tres ao sol, equivalendo, pois, cada volta d'estas ao periodo secular de 8:588 annos, pois que na natureza este movimento é completo em 25:765 annos; mas o que dizemos com tres ou quatro, prosegue Augusto Luso que diriamos com mil e mais. Além d'isto, deixa-nos vêr tambem o deslocamento do ponto de intersecção da eclyptica com o equador, ou a antecipação, todos os annos, dos equinocios, o que na natureza é de 50″ por anno, ou por cada translação da terra ao sol; e alli, no seu *Isemerioscopio,* é de perto de tres mezes, porque cada translação corresponde alli a 8:588 annos. Mostra-nos mais ainda o *Isemerioscopio* a illusão da mudança das constellações zodiacaes pelos signos, percorrendo o zodiaco, bem como a mudança da es-

trella polar e das mais estrellas, descrevendo o polo da terra um circulo em volta do polo da eclyptica.

Não só cosmographo Augusto Luso foi como por suas investigações á historia natural concernentes outrosim se distinguiu. No *Jornal de sciencias mathematicas, physicas e naturaes*, publicado sob os auspicios da Academia Real das Sciencias de Lisboa, se encontra um valioso trabalho de Augusto Luso ácerca dos molluscos terrestres e fluviaes de Portugal, declarando ahi o naturalista portuense os motivos por que o não satisfaz a descripção, que mais é um indice ou catalogo, de Arthur Morelet.

Entendi dever referir-me, ainda que tão só e de fugida apontando-os, aos titulos scientificos de Augusto Luso, o qual mais do publico culto por seus meritos litterarios é conhecido e apreciado; completo d'est'arte em certa maneira uma succinta memoria que do meu talentoso e douto professor fiz nas columnas de um jornal politico, pouco tempo ha d'esta data de agora, em que gostosamente acquiesço ao pedido com que me honrou o editor do presente volume, organisado por uma sympathica devoção, tanto mais registravel e digna de applauso quanto a epocha vai de indifferentismo glacial.

Em 1907 apparecem a publico no Porto os *Ultimos versos* de Augusto Luso; no Porto d'este portuense illustre em 1853 haviam sido estampadas suas primeiras *Rimas*. O volume offereceu-o o poeta ao sr. Antonio Alves Martins, conego da Sé Patriarchal e

deputado á Côrtes da nação portugueza; é a personalidade notavel que, bispo de Vizeu, destacaria ulteriormente na primeira plana da scena politica do liberalismo lusitano. E, na composição em que desenha o proprio retrato, logo se revelou a compleição, espontaneamente jovial, do auctor, homem chão, simples, d'uma bondade natural e d'uma intelligencia desanuviada e despretenciosa. No anno de 1854, na collecção dos *Saraos poeticos portuenses,* publicados, em beneficio do Asylo de Mendicidade do Porto, por J. A. de Freitas Junior, depara-se-nos a collaboração do estudioso e enthusiastico moço, como no *Dialogo entre um mestre antigo e um moderno,* o qual é tambem assignado por seu mallogrado irmão Henrique Augusto. Exclusivamente a Augusto Luso, no fasciculo do 4.° sarao, pertencem *A volta da Terra Santa* e a ode *O Poeta,* tomada d'um album.

Em 1871, e dedicado aos alumnos do lyceu do Porto, sahiu do prelo o volume que seu auctor intitulou *Impressões da Natureza;* a primeira das peças litterarias que o compoem, e é o poemeto *Esboços do natural,* publicara-o Augusto Luso em folhetins no *Primeiro de Janeiro;* mas, para que o volume não ficasse relativamente exiguo no tamanho (que não nem no merecimento intrinseco nem no seu real interesse de leitura), achou o auctor que devia juntar-lhe algumas das poesias que tinha impressas e espalhadas por diversos jornaes, escolhendo de entre ellas as cujo assumpto é a natureza. Juntou-lhe mais

alguns apologos que haviam sahido insertos tambem n'aquella popular folha. Estes apologos de novo os imprimiu, para que com outros formassem, n'este genero, um volume separado, em o seu caracteristico livro de *Fabulas originaes*, que, «em testemunho de saudosas recordações passadas», offereceu e dedicou ao seu antigo collega no lyceu nacional de Leiria, Candido Maria Cau da Costa, a quem qualifica de seu «illustrado, intelligente e verdadeiro amigo.» Este volume é illustrado com gravuras, feitas em Paris e cujos desenhos foram executados pelo sr. Joaquim Maria Pinto, sob indicação do fallecido Joaquim da Costa Corregal.

Abundante copia de importantes ineditos deixou Augusto Luso, felizmente que em mãos de quem os sabe apreciar e prezar, a pontos de se propôr a consecutiva publicação dos mais notaveis d'entre elles. O sr. Manuel Thomé de Castro Junior, que é o prestante cavalheiro a quem me estou referindo, tem em mente e é seu proposito igualmente recolher em idoneos volumes, a dar proximamente á publicidade, varios escriptos, já impressos, de Augusto Luso, mas perdidos na dispersão jornalistica, d'essa maneira salvando-os do immerecido olvido e injusto esquecimento.

D'entre os ineditos deixados por Augusto Luso, consignemos a menção de uma comedia em verso e de uma tragedia intitulada *Principe Ernesto*, 5 actos e 6 quadros, em verso, parte rimado e parte solto. Fi-

caram varias novas fabulas suas originaes, compostas já depois de publicado o seu volume especial, como sejam *O vehiculo de pau e a locomotiva, Os dois cães caçadores, O carvalho e os filhos*. Ha um estudo sobre o «Genesis», inspirado n'um pensamento de Buffon, que Augusto Luso exara que «parece que previa o momento solemne em que nós estamos hoje.» Deixou tambem o eximio professor as adequadas *Instrucções* para a montagem e uso do seu *Polariscopio*, outra demonstração insigne de suas aptidões inventivas e da curiosa acuidade de suas faculdades analyticas como de sua proficiente tendencia explicativa.

Cabe no lance archivar a nota dos escriptos, por assim dizer humoristicos, de Augusto Luso, como que folhetins scientificos e satyras philosophicas; elle os classificou, em conjuncto, com a designação de *Extravagancias* e comprehendem estudos e reflexões sobre os grandes themas do homem, Deus e a sociedade; ahi elle defende a these da insociabilidade do homem e sustenta, com dicacidade, o paradoxo, de intuito moralisante evidente, de que a historia é estudo funesto, por de má licção, visto nos dar o espectaculo dos peores exemplos.

A 10 de Abril de 1878, nas columnas do *Primeiro de Janeiro*, foi publicado o discurso que Augusto Luso pronunciou no Collegio Portuense, na abertura dos Cursos nocturnos, que alli se estabeleceram e foram a primeira tentativa n'esta cidade da organisa-

ção de prelecções livres, para o grande publico e, designadamente, ás classes operarias destinadas; no corpo docente que alli por então realisou suas prelecções, contavam-se, além de Augusto Luso, Eduardo Falcão e Rodrigues de Freitas, que discorreu sobre os fundamentos e theorias capitaes da economia politica.

No mesmo *Primeiro de Janeiro*, bem assim no *Ensino*, orgão pedagogico do alludido Collegio Portuense, foram insertas, depois de um prologo em fórma de «Carta ao Povo», sobre historia natural, varias cartas por Augusto Luso endereçadas a diversos amigos e combatendo as abusões populares com respeito aós animaes nocivos e uteis, extirpando differentes erros communs, discreteando sobre o jardim, ensinando como se póde formar uma collecção zoologica nos arredores do Porto, etc. Estes interessantissimos escriptos serão recolhidos, todos, ordenada e systematicamente, em um volume, que terá o titulo de *Horas vagas*.

N'este volume actual dos *Ultimos versos* é o leitor habilitado a fazer uma idéa, d'alto e connexa, sobre a personalidade litteraria de Augusto Luso, porquanto em suas laudas encontra composições de vario genero e definidoras das diversificadas feições do seu temperamento artistico, óra faceto e sarcastico, como no poemeto heroi-comico, com que abre o livro, óra grave e sizudo como na poesia compenetrada que o auctor recitou, da varanda de sua casa, na

passagem do cortejo civico, no Porto organisado, em preito e homenagem á memoria gloriosa e benemerita de Victor Hugo.

Augusto Luso foi um amigo sincero da humanidade e um crente firme no progresso da civilisação; elle só odiou o odio, expresso na intolerancia rancorosa; e conservou viva a chamma affectuosa, crepitando sem bruxulear na sua bella e nobre alma, consoante n'este mesmo volume o testemunha a composição que «o velho estudante» offertou, no dia da sua festa, em 1 de Fevereiro de 1901, «como signal de sincera amizade, aos novos estudantes, alumnos do Lyceu do Porto.»

Alumno do lyceu do Porto, como elle portuense de nascimento e d'elle discipulo desaproveitado, reitero, ao fechar este desauctorisado preambulo, os protestos effusivos do jubilo interior com que acceitei a honra immerecida que me quiz dar o editor d'este volume, convidando-me a escrever para elle algumas linhas de introito, as quaes, escriptas, não visam mais do que a fornecer ao leitor uma succinta noticia bio-bibliographica do auctor da obra, irrisoria pretensão sendo que eu quizesse ultrapassar o rigoroso limite modesto que idoneamente me tracei.

J. Pereira de Sampaio (Bruno).

POEMETO HEROI-COMICO

Dignum laude virum
Musa vetat mori.

HORATIO.

CANTO I

Se é digno de louvor um varão forte,
Em versos immortais nunca perece.
Se é indigno varão, da mesma sorte,
A Musa que o louvar jamais fenece.
Vou louvar um varão do qual a morte
Os míseros mortais não empobrece,
Mas um varão que pode ser preciso,
De quando em quando, com prazer e riso.

D'outros mais falarei que, assignalados,
De quatro pés á sua mesa servem.
São estes os fieis, fieis soldados,
Que os Céos permittam e os Céos conservem
Para o cabido Amen dos conjurados,
Onde a intriga, a lisonja e a inveja fervem.
Se os não posso louvar como convinha,
Cantá-los-hei ao som de campaínha.

Havia no Lyceu certa amisade;
Não tinha ainda penetrado nelle
A astúcia occulta que fomenta o frade;
Discutia-se alli; êste ou aquelle
Expunha a opinião com lealdade
Sem o desdêm que o coração repelle.
São hoje os velhos e os antigos tolos,
O Constancio e o Morais dignos de bolos.

Talvez te rias, magestoso Elpino,
D'um génio tutelar de bagatellas
Que tem por fado seu, por seu destino,
Andar cá no Lyceu á cata d'ellas.
E como não tem faro nem bom tino
Emprega por entanto apalpadelas,
Esperando encontrar na diligencia
Algum pobre diabo sem consciencia.

Êste Génio só faz troca e baldroca:
Põe zê e tira ésse em Vasconcellos;
De portuguez o zê em ésse troca;
Dos Kíkeros emfim é um dos élos.
Gascunha e não Gasconha diz, e invoca
Catalunha e Corunha por modêlos!
D'este génio immortal da ninharia
Só isto para rir nos bastaria.

Alguns ha, tão humildes, que queriam
Levantar-lhe a cortina do trazeiro,
Lavar-lhe o nédio c..., e se honrariam
Em dar-lhe um beijo com amor fagueiro!
E que prazer os *attachés* teriam
Em receber do sábio um sôpro inteiro
Que do ventre ruidoso lhe sahísse,
E de sciencia a todos os cobrisse!?

Lá da *Séria Figura* o cavalheiro,
A quem fácil lhe foi, lhe foi possível
Chegar a Condestavel, o primeiro,
Que junto ao Padre, o tem por infalível,
Defendê-lo jurou, vir a terreiro
Para em tudo o seguir, grave e terrível.
Não póde imaginar que uma asneirola
Possa sahir de tão sagrada bola.

Vai o *Barão da Foz*, porque é manhoso,
Procurando sómente o que lhe agrada;
Ás vezes com zumbaias, respeitoso,
Vai mostrando a tenção dissimulada.
Só ama o que lhe póde ser rendoso,
O mais pouco lhe importa, o mais é nada.
E só para alcançar dinheiro aos tarros,
Nem a pitada toma nem cigarros.

O *Visconde dos olhos penetrantes,*
Risonho, alegre, affável e bonito
Sempre muito elegante, olhos brilhantes,
De si proprio se ri a cada dito.
Se quizer afastar-se dos pedantes
Da voz da consciencia attenda ao grito:
Jamais do teu saber faças alarde,
Que de ti se rirão mais cêdo ou tarde.

Da *Sorte o Cavalheiro,* que da intriga
Não poude conhecer inda o effeito,
Áquelle Areopágo alli se liga,
Como perna tambem da mesa eleito.
Permitta o Céo que a sorte o não persiga,
Nunca a virtude lhe abandone o peito,
Que se nelle apparece honra e franqueza,
É certo que lá quebra um pé á mesa.

Se outros mais hoje aqui louvar não posso,
Não é por vos eu ter dado ao desprêso!
Pois eu conheço bem o valor vosso,
E sabei que vos amo em gosto acêso.
E que em frente d'aquelle Padre nosso
O respeito devido eu amo e préso,
Que o logar que elle occupa a isso obriga;
Mas nas cartas lá vai manguito e figa.

Elle, que padre, é lente e tem capêllo,
Com geito para mãi que desvelada,
Os filhos trata com amor e zêlo,
Mettendo-lhes na bocca a marmelada,
É tambem no Lyceu santo modêlo;
Abrange a terra e o céo numa passada:
Tem um pé no Lyceu, outro na igreja,
Unindo a palma ao ramo de carqueja.

É, pois, nobre varão d'alta nobreza,
Nobreza pelo Céo já destinada;
Tem armas, tem brazão; e com franqueza
Que só do nome seu lhe fòra dada.
Êste brazão denota com certeza
Herança para si no céo guardada;
No centro circular d'um negro risco
As armas elle tem de S. Francisco.

Mas quando se mostrou mais fulgurante,
Mais alegre e gentil, mais radioso,
Como a eléctrica luz, que inda distante
Deixa vêr o seu facho luminoso,
Foi no dia solemne e mais brilhante
Do Lyceu na abertura, o mais famoso.
Apesar de eu não ter voz para o canto,
Uma ideia vou dar se puder tanto.

CANTO II

Abertura solemne do Lyceu do Porto

Estava o Padre alli sublime e dino,
Que vibra o occulto raio jesuíta,
Num assento de pau, do pau mais fino
Da nossa Constructora sempre invicta.
Do rosto respirava um ar ladino,
De capêllo de sêda mui *catita,*
De batina, sapato com fivella
E corôa de fundo de tigella.

Ladeavam-no assim os professores
Em cadeiras de pau escarranchados;
Uns já velhos, antigos senadores,
Outros nóvos, de frêsco inda alistados,
Alguns imberbes, como alguns tambores
Ou cornetas que fossem convidados
Em alguns d'êsses nossos regimentos
Que fossem para alli sem instrumentos.

Variados nos modos e nos ares,
E até nas profissões que alguns seguiam,
Uns eram padres, outros militares,
Alguns á medicina ali fugiam..
Viam-se outros tambem, andando aos pares,
Perguntar no Lyceu de que serviam?
Grupo tão variado não se vira
Nem quando a arca de Noé se abrira.

Da sala que, apinhada, estava cheia
De adultos e creanças á mistura,
Sahia um zum, zum, zum que dava ideia
De quando a abelha com as mais procura
Arejar de verão toda a colmeia,
Batendo as azas que lhe dão frescura.
De repente cessara o tal sussurro;
Bate a sciencia sobre a mesa um murro.

Agora, Musa, aqui doce Thalia,
Dá-me só trinta reis do teu engenho;
Musa que ris, d'alegre poesia,
Cede-me um birimbau, lyra não tenho.
Eu queria louvar, como devia,
O sermão, no que sinto grande empenho,
O primeiro discurso eloquente
Do Reitor do Lyceu, de Coimbra lente.

Viste em silencio erguer-se a magestade;
Pega na borla e para a esquerda a muda.
Curvando a fronte, em ar d'urbanidade,
Para a' esquerda e direita então saúda.
Depois em frente aos mais, com gravidade
E riso espécial que em tudo o ajuda,
Só depois de a abaixar, ergue a cabeça,
Escarra, tosse, assoa-se e começa:

«Sômos uma familia, isto dizia;
«Aqui meus filhos sôis, e a Deus apraza
«Que tenhais só em mim um pai, um guia,
«Porque filhos da mãi já sôis em casa.
«Aqui se enterneceu; e bem se via
«Que os olhos d'agua, sem querer, arrasa;
«Nem póde bem suster o manuscripto
«Em que trazia o tal sermão escripto.

«D'uma vez era um sabio, coitadinho,
«Já velhinho, de vida bem cançada,
«Que por anno uma vez vinha sósinho
«Visitar o Lyceu, onde passada
«Fòra parte da vida do velhinho
«Que sentia saudades da maçada.
«Vós lhe deveis seguir tambem os trilhos,
«Que vos lembre o Lyceu sempre, meus filhos.

«Nunca esquecer deveis estas cadeiras,
«Esta sala onde estais, bem estucada,
«As mesas, quer quebradas quer inteiras,
«E até os ourinóis, obra acabada.
«Não esqueçais as horas mais fagueiras
«Da lambedela á doce marmelada
«Nem o vosso Reitor, nem professôres,
«Nem os coices que dais nos corredôres».

De novo se enternece, a voz tremia;
Chora a videira, chora a videirinha,
Mas o público apenas se sorria.
Irrita-se, ergue a voz: «eu cá já tinha
«Resolvido mostrar que, só, movia
«Tudo neste Lyceu á fôrça minha.
«Quem governa o Lyceu é hoje um padre
«E deixa-los ladrar, quem quer que ladre.

«Estudai e sereis sempre bonitos,
«Em mim tendes um pai, um bom amigo.
«Não risqueis as paredes com escriptos,
«Nem macacos e coisas que eu não digo,
«Que macacos sôis vós andando aos gritos.
«Do contrario tremei do meu castigo!...
«Deixai á Academia as algazarras,
«Que não está sujeita ás minhas garras.

«Somos uma família, isso é verdade,
«Porém submissa a um chefe, a um só commando».
Fugira do Lyceu a liberdade,
Ficou a humilhação sujeita ao mando.
«Quem julgar ter aqui livre a vontade
«Põi-se na rua, como contrabando.
«A obediencia a um só, aqui repito:
«O Lyceu *c'est moi* e tenho dito.»

CANTO III

Epílogo ou remate

Não irradia luz duro granito,
Não póde fazer fé um visionario,
Não quer interpretar um bom escripto
Quem só quer a moral do seminario.
Acha verdade só e santo o rito
No pregão d'um Califa ou d'um vigario;
Dirija um padre o seminario e a igreja,
Mas nunca a instrucção e o Lyceu reja.

Num convento de freiras recatadas,
Num hospício de irmãs da caridade
Não entra alli ninguem, portas fechadas,
Nem ás vezes a propria auctoridade!
Mas, se é sotaina e traz barbas rapadas,
Abre-se a porta e foi-se a honestidade.
Os olhos baixam ao vestido inteiro,
Pois têm caras iguais ás do toureiro.

Do Porto hoje o Lyceu está sujeito
Á sotaina da saia imitadora!
Numa *Creche* talvez fosse isto acceito;
Nem homem era bem, nem bem senhora.
Mas o Lyceu requer fundo respeito,
Affável sempre, mas severo á hora.
Nunca hypócrita mãi fingida e terna;
— Não ha govêrno onde a mulher governa.

Eis um homem de siso conhecido,
Philólogo, nas letras bem cansado,
Á porta do Lyceu era detido
Por fôrça que o tinha aparvalhado.
Depois em roda olhou, como aturdido;
Com voz do peito, diz, grave e pesada:
Mania de correr no retrocesso!
Mania de parar no que é progresso!

Já públicas não são as aulas hoje!
Assim manda o Reitor, nosso senhor;
De mêdo á sua voz té a lei foge
Que é *Pontífice* emfim e é *Dictador!*
Se ha pedido d'alguem que o não enoje
Dá-lhe um passe ou licença por favor,
Senão fecham-se então todas as aulas
Que as bárbaras sciencias têm por jaulas.

Que é dos ouvintes ás lições nas salas?
Dos bancos que lhes eram destinados?
Os ouvintes dos quais agora falas,
Respondeu-lhe o Lyceu, estão cansados.
Os bancos pelos quais inda te abalas,
Tinham caruncho já, foram queimados.
Hoje o alumno moderno é bello e moço,
Dos antigos tem só carne e mais osso.

Devem fechar-se as portas e dar cabo,
Se não fôr a favor, da tal sciencia.
Se os jesuítas são como o diabo,
Os Kíkeros são d'elle dependencia.
Mandam agentes seus de cabo a rabo
Com pés de lã, hypócrita paciencia,
Semear esses restos que ficaram,
Inda ha pouco, da sova que levaram.

Litteratura aqui sciencia é pura,
E vivinha a saltar neste viveiro;
Mas a parte feliz e mais segura
É chamada a sciencia de livreiro.
O estylismo morreu por má figura;
De trópos e conceitos nem o cheiro;
De Horácio aos seus Pisões o monstro seu
Parece que imitar quer o Lyceu.

O nome á descripção da terra muda
E passa a ser sciencia a geographia.
Por isso a geographia não se estuda,
A não ser quatro lérias hoje em dia.
A longitude em nada nos ajuda,
Não serve a latitude como guia.
De que servem num mappa aquelles riscos,
Que são coisa do tempo dos mouriscos?

A rotação da terra fórma o dia,
Mas é imaginário esse eixo seu.
Não é sege, nem carro, não podia
A terra ter um eixo lá no céo.
Esta barbaridade se dizia,
Mas hoje não se diz já no Lyceu.
Póde haver rotação sem haver eixo,
Assim o diz o Lyceu, eu não me queixo.

Sabei que o eixo da terra vai seguido
De pólo a pólo, sem mudar de sorte,
E é a *linha Norte-Sul.* Tomai sentido!
Que lição! Que saber! Caramba, é forte!
Se muda a latitude, isto é sabido,
Varía a linha que nos mostra o norte.
Estes êrros provém com outros mais
Da ignorancia dos pontos cardiais.

Nem sempre fazem fé provas escriptas
Que só públicas provas reconhecem.
Mas que importa? São coisas pequenitas,
No moderno Lyceu desapparecem.
Nós queremos passar nessas coisitas
Das aulas, porque emfim nos aborrecem;
E que o seu curso acabe hoje qualquer,
Sem nunca um só exame aqui fazer.

Ouvi, Zoilos, ouvi, ficai pasmados!
Vai o Lyceu ter já novo edifício!
Podendo nós assim ser separados
Do centro da cidade e do bulício!
Seminário e Lyceu sendo afastados
É-lhes mais salutar o benefício.
Levemos de vagar assim o Porto
Que julgando ir direito, irá mais torto.

O Lyceu não póde ir para a Formiga
Porque isso é do Cosgaia e seus amigos.
Talvez que isto mais tarde se consiga;
Fujamos d'êstes centros inimigos,
Por isso no trabalho se prosiga
No escolhido local não ha perigos:
Defronte tem do Rei Paço Real,
Tem ao lado um quartel com seu quintal.

Por fim, esse homem soltando
Estridente gargalhada,
Para a rua caminhando
Dizia a cada passada:

«Lyceu que foste gabado,
«Oh Lyceu que já não és,
«Já foste, Lyceu, virado
«De cabeça para os pés.»

Victor Hugo morreu!!...

(Recitada pelo autor na passagem do cortejo civico da varanda do segundo andar da sua casa, ao Campo da Regeneração)

Escureceu-se o sol da intelligencia humana!
Dos espiritos cessa a luz quotidiana!...
Secou-se o extenso mar, que em contínuo vapor
Effluvios exalava, e reçcendendo a'amor,
Géra o orvalho subtíl, sopro da divindade,
Que em pérolas goteja e chove liberdade!

Homem da humanidade! Alento das nações!
Génio da natureza! Alma dos corações!
Vivo iman racional! Sol d'um systema novo!
São, novo Christo, teus discípulos o povo!

Victor Hugo morreu!... Mas seu génio immortal
Vôa por toda a terra ao nosso Portugal,
Á patria de Camões! Um génio portuguez!!
Os génios são iguais, venerai o *Francez.*

Mestre, porém, que Mestre!... É o saber sua herança,
Se toda a terra o herdou, foi testamento a *França.*

NO DIA D'UM BAPTISADO

Graça do lar! Paraizo!!
Resumo de pai e mãi!
Ninguem te vê um sorriso,
Sem que sorria tambem.

Essa vista mal segura,
Vagueando aqui e alli,
Parece que o Céo procura,
Como que vindo d'ahi.

Quem sabe se o Céo aberto
Para a innocencia estará?!
Se tu vês os Anjos perto,
E te sorrís para lá?!

Sim, d'aqui, do teu bercinho,
Nesse angélico sonhar,
Quem sabe se, contentinho,
Tu conversas sem falar?!

Os Anjos todos se entendem
Na lingua espiritual.
E todos elles defendem
D'um irmãosinho o casal.

Dos jardins, lá d'essa altura,
Desceste, mimosa flor.
És a meiguice, a candura,
Terna lágrima d'amor.

Por isso, por entre as palmas
Que aformoseiam o Céo,
Os Anjinhos, tenras almas,
Procuram o nome teu.

Esvoaçando e sorrindo,
Apressados, com afan...
Quais borboletas, fulgindo,
De maio em dôce manhã.

Batem as mãos d'alegria;
E convidam com prazer
A Virgem Santa Maria,
Para a fésta que vão ter.

E cheios de graça tanta,
Lagrimas, que púras são,
Vertêram na Pia santa,
Que lhes deu mais um Irmão.

A verdadeira primavera

(TRADUCÇÃO)

Eu vejo a natureza em júbilo, em festim,
E renascer eu creio aos meus dezeseis annos;
Mas que invernos já têm nevado sobre mim!
Oh! Quadra sempre nova, encanto dos humanos!

Ainda, como outr'ora, alegre o mundo ri,
Mas eu sinto-me triste e o coração me esfria.
Abrís da juventude, adeus, eu vos perdi!
Vejo pállida a flor, no melro a zombaria!

Ao negro abatimento é força succumbir?
Deus me anime tranquilo e me levante forte,
Que do túmulo á beira, em sereno sorrir,
Eu sinto a Primavera a germinar na Morte.

AOS JOVENS OBREIROS AMIGOS DO TRABALHO

(No dia da abertura da exposição de Industrias Caseiras pela Sociedade d'Instrucção do Porto, em 14 de maio de 1882

Se a primavera começa,
Desde logo, a produzir
Nos rebentões e nas flores
Os prenúncios do porvír,

Nesses mimosos trabalhos,
Rebento e flores tambem
Da primavera da vida,
Os fructos ahi se vêm.

Da educada intelligencia
Á tépida e viva luz,
Irão os fructos crescendo
De cada flor que os produz.

Desabrochando ahi vemos
Botôesinhos com vigor,
Que nos dão dôce esperança
Do trabalho com amor.

É alegre jardim a escola,
A semente é a instrucção,
As lições fecundas flores,
O fructo o bom cidadão.

Bemditos agricultores,
Que assim sabeis cultivar!
Ó santas Mãis! Mestres! Mestras!
Que plantas para educar!

É santissimo esse encargo
Das plantas que cultivais,
O fructo não é só vosso,
É d'ellas, nosso, e dos mais.

Eis o progresso, ó trabalho
Que a todos bafeja, emfim.
Novos obreiros, àvante!
Caminhai, que a vida é assim!

O trabalho é nosso amigo;
Dá-nos saude e prazer;
Faz-nos uteis uns aos outros,
Irmãos todos nos faz ser.

Deixar de ser seu amigo
Nenhum de nós é capaz.
Eia! amigos, ao trabalho
Que nos dá virtude e paz.

Quem me dera ser creança!...
Meninos, dai-me uma Mãi;
Eu quero ouví-la ensinar-me,
Ouvir d'ella: — *Muito bem.*

Quero abraça-la e beija-la,
Quero ouvir-lhe a reprehensão,
E depois das minhas lágrimas,
Apertar-me ao coração!...

Quero sentir seus affagos,
Depois, ouví-la dizer:
— *Não chores, que se estudares,*
Não te hei de mais reprehender.—

Eu então estudaria,
Seria trabalhador
Para pagar-lhe, Meninos,
O seu amor com amor.

É das Mãis que recebemos
Nossas primeiras lições;
Sejam d'ellas sempre as nossas
E primeiras affeições.

Se as virmos sorrir alegres,
Folguemos, amigos meus,
Que de Mãi os ternos risos
São sempre risos de Deus.

Soneto

(Este e os dois seguintes referem-se á morte de seu netinho Jorge)

Jorge, meu bom Jorginho, que em meus braços
Te via descançar, sempre contente!
Foste gosar o Céo, anjo innocente,
Deixando cá da terra os bens escassos.

Como amiguinho meu, guia-me os passos
Que não tropece algum, menos prudente;
Para viver comtigo eternamente,
Do nosso tanto amor conserva os laços.

Se lá, por entre a Luz Divina e Eterna,
Vês da minha saudade o dôce adejo
Que te mostra, e me illude e me consterna.

Em tão dôce illusão sorrir te vejo
Os olhos côr do céo, graça materna,
E os labios comprimir ao dar-me um beijo.

*

* *

Medicina fallaz, que te alimentas
Do afflictivo gemer da humanidade,
Que embuçada na capa da vaidade
Procurando curar só atormentas!

Não sejas tão cruel, já que apparentas
Esse fôfo saber, tem caridade.
Cemiterios são campos, na verdade,
De vencidos em luctas violentas.

E ninguem entra alli, tem paciencia
Sem um despacho teu! Que triste sina!
Emmudece a razão sem consciencia.

O numero das campas nos ensina
Quantas vidas perdeu a tal sciencia!
Desculpa a minha dôr, vã medicina.

A marcha da vida

Dos dias, Luso, em que prazer tiveste,
Dos teus a dôce, a grata companhia,
D'amigos, d'illusões da fantasia
Que nos doira o porvir, tu que fizeste?

São mortos todos, tudo já perdeste,
Já a lua te não ri nem ri o dia.
Viste que em fumo do teu lar fugia
Tudo quanto abrigou, e amar soubeste.

Como Job, quiz o Céo ferir-te o peito
Com nova provação severa e forte
Nesse tenro botão d'amor perfeito.

Pouco tem a cumprir o fatal córte,
Póde o resto levar-te; estás affeito;
Mas, nesse dia que te leve a morte.

Ao Lyceu do Porto

O Lyceu que me foi sempre agradavel,
Os colegas de quem fui sempre amigo,
Os reitores que foram sempre abrigo
A todos na amisade inalteravel;

Alumnos para os quaes fui sempre affavel
E de quem trouxe sempre amôr commigo,
Tudo já me roubou, levou comsigo
O déspota do tempo inexoravel.

Porém, se isto perdi ganhei mais siso;
Da lisonja e da intriga o mal conheço,
Que nos homens espalha o prejuizo.

Aos alumnos e pais hoje endereço
O meu saudoso adeus e ao seu juizo
Julgar o professôr eu rogo e peço.

Ao major Serpa Pinto

(No dia da inauguração do seu retrato no Café Suisso do Porto a 11 de março de 1890)

Na mente o seu paiz, sempre saúdoso,
No peito o amor da patria, tão querida,
Na vontade a firmeza, fôrça e vida,
Na mão a espada, raio poderoso:

Assim caminha aquelle Heroe famoso,
Com a Bandeira Portugueza erguida,
Na Africa nossa, agora protegida
Por braço forte, firme e valoroso.

Porém, a intriga vil, mais fraudulenta,
Alli soube espalhar povo faminto
Da rapina voraz, com que se alenta:

Mas, treme e ruge aos pés de Serpa Pinto!
Por isso, a Africa ao mundo hoje apresenta
Quem na Historia já tem logar distincto.

DAI A CESAR O QUE É DE CESAR E A DEUS O QUE É DE DEUS

S. Lucas, cap. 20, vers. 25 e 26.

Ouví, ó gente, ouví de Deus a sã verdade;
Na Biblia, em Samuel, condemna a realeza.
Mas teima o povo seu; quiz ruína e fraqueza.
Vereis que o mesmo Deus compõe uma Trindade!

Até o sábio rei foi presa da vaidade!...
Da pompa, brilho e luxo igualmente foi presa!
Seu orgulho o arremessa ás ondas da riqueza,
Os ídolos adora e nega a Divindade!

Agora vos remetto ao Novo Testamento.
Quiz a Christo tentar a gente sem vergonha:
A quem pertence diz, ó Mestre, êste *talento?* [1]

«A esmola é só de Deus, sempre grata e risonha.»
«Dai a Deus o que é seu, que aos pobres é sustento.»
«A Cesar só pertence a nobre *Carantonha.*»

[1] Moeda de prata usada entre os judeus com a effigie de Cesar.

TALENT DE BIEN FAIRE

QUINTO CENTENARIO DO INFANTE D. HENRIQUE

(Recitada pelo autor no salão da Bibliotheca Publica no dia 5 de março de 1894, por occasião da Sessão Solemne, na presença de S. Magestade.)

Sei, que illustres varões, com letras d'oiro,
Tem sabido louvar teu grande Nome!
Que teu mérito, emfim, immorredoiro,
Zomba do tempo que nações consome.
Mas, meu pobre talento,
Se nas letras não tem logar seguro,
Hoje, neste momento,
Tambem, preclaro Henrique,
Soltar a voz procuro.
Aceita o canto meu, embora fique
Esquecido no pó, para o futuro.

Se pomposo jardim recebe a rosa,
Não despresa, por isso, o mais selecto,
O antigo *bem-me-quer,* a *sécia* edosa,
A humilde *violeta,* a *relva* e o *feto.*

E tu, Inclito Infante,
No ramo que primeiro á Patria offertas,
Dás exemplo bastante;
Madeira e Porto-Santo
Com laço d'oiro apertas;
Flores mimosas, do Oceano encanto,
Reunidas tambem com as Desertas!

Do Sacro Promontorio, facho activo
De vivíssima luz aos nautas guia
Tu foste, illustre Henrique; e és o motivo
Da mais brilhante historia e poesia.
Fundam-se impérios novos,
Átam-se as relações, ligam-se os povos.

Oh! Patria, Patria! Se os heroes famosos,
E prestantes ao mundo, são teus filhos,
Eu, porque és minha Mãi, sou dos ditosos,
Que o reflexo recebem dos teus brilhos!
É justa, é santa a festa
Com que todos aqui, só á virtude,
Com razão manifesta,
Se tornam tributarios.
A pompa os não illude
De Alexandre e Pompeu, que, sanguinários,
A humanidade com horror detesta.

Da minha Patria foi missão sagrada,
— Do Progresso espalhar a luz brilhante. —
Incumbe a Henrique, que uma nova estrada
Abra nas aguas, e que o mundo espante!
Que esse caminho aberto,
A todos apontando a aurora, indique
Que a India está já perto.
A luz de Sagres chega
Além do Estreito, o Dique,
Que passou Magalhães! Ninguem já nega
Ser esphérica a terra! Oh! Grande Henrique!!

Só dos heroes é mausoléo a historia,
Seus epitáphios as acções lustrosas!
Lá revive o seu nome a par da gloria,
E o mundo os lembra e lhes desfolha as rosas.
Mas, a louca vaidade
Passa na terra,... como passa a idade!

Sinto o amor proprio que o teu Génio inspira
Sinto orgulho tambem, e até,... vaidade,
Ao respirar êste ar, que em torno gira,
Que aspiraste ao nascer nesta cidade!
Cultor intelligente,
No frondoso pomar que aos Lusos déste,
Primoroso Presente,
Nas formosas Açôres,
Assim, mostrar pudéste

A nós, á Europa, ao mundo, a toda a gente,
Que até das ondas nos rebentam flores!

De ti lembrou-se o Adamastor sanhudo,
E ao Discípulo teu franqueia a estrada!...
Seu irmão Bojador perdêra tudo,
Não soube defender d'Africa a entrada.
Junto ao mar tenebroso,
Que enormes serpes de nojenta escama,
Baixo fundo arenoso,
Escuridão intensa,
Lhe davam nome e fama!
Quem podia affrontar tão firme crença?!
Nem tu Bartolomeu, nem tu, ó Gama!

Sim, *Talent de bien faire!* É, Novo Tito,
A mais santa Divisa, a tua guia.
Em tudo fazer bem, eis o teu fito:
Alicerce da sã philosophia.
Pois, só póde o talento,
Se é fundado no bem, ter valimento.

Saber, vontade, intellígencia e vida,
São attributos do teu Génio ousado;
Mandaste, e logo, a tua voz ouvida,
Eis d'argonautas esse mar sulcado!

Lá vão as caravellas!
Tudo se anima, o mêdo se desterra!
Pandas, as brancas velas
Conduzem nobres almas,
Que o mar jámais aterra!
Curva a cabeça, desatando em palmas,
O Bojador com o joelho em terra!!

Homem dos homens! Preceptor dos sábios!
De espiritos espirito brilhante!
Bateu-te o coração, abriste os lábios,
E á tua Patria, tu gritaste — ávante.
E o povo lusitano,
Á tua voz, por sobre as aguas vôa;
Á Guiné chega ufano,
Progride a humanidade,
Livre o mar se apregôa,
Irradias de luz de heroicidade,
E o mundo inteiro já teu Nome entôa!

Ouve, Oh! Génio immortal, lá d'essa altura,
Em que vives agora radioso,
Manda um raio dos teus, que, um só, satura
O teu paiz, tão pobre, mas formoso!
Dá-lhe brios bastantes,
E o gigante será qual fôra d'antes.

HYMNO

Do lyceu da celestial ordem terceira da Santissima Trindade da cidade do Porto

Ávante, irmãos queridos,
Estudo temos certo;
O alcáçar eis aberto
Das letras e d'amor.

Ao Céo levai unidos
Em côro os rogos vossos;
Proteja os Mestres nossos,
Proteja o Fundador.

Vós tendes um amigo,
Ao qual nobreza adorna;
Porém mais nobre o torna
O bem que aos outros faz.

O estudo traz comsigo
Riqueza, amor, saude;
E traz tambem virtude,
Que é d'alma a dôce paz.

Mil annos, mil venturas,
O Céo conceda e traga
Áquelle, que propaga
Nos jovens a instrucção.

As sãs doutrinas púras
Dos mestres vos recordem
Da nossa Celeste Ordem
A santa protecção.

Progresso, amor e vida,
Em Pedro Quinto vemos;
Por toda a parte temos
Das letras hoje a luz.

Ávante, ávante, á lida,
Louvor, ó mocidade,
De Deus dai á Trindade,
Que á gloria vos conduz.

Ás jovens obreiras amigas do trabalho

(Feita pela occasião da distribuição dos premios, no encerramento da exposição das Industrias Caseiras em 18 de junho de 1882)

Chegára esse outomno das vossas colheitas;
Agora abanando sem mêdo o pomar,
Caír já não podem flôres imperfeitas,
Que os fructos em prémio pudéram vingar.

Guiadas, soubestes lançar a semente
Em terra, onde grata, feliz germinou.
Uní-vos em côro, num côro sómente,
Mil graças rendendo a quem vos guiou.

Ás Mestras e Mestres, fieis preceptores,
Deveis as primicias, amor, gratidão;
E bem direis sempre dos bons protectores,
Feliz Sociedade, de Luz, d'Instrucção.

Um Anjo mimoso vos leva comsigo;
É todo pureza, de graça e de luz!
Ávante! Segui-o, que elle é vósso amigo;
Ávante! E com elle, que ao bem vos conduz!

Á sombra das asas, que estende propício,
Tereis no trabalho riqueza a maior!
Quereis conhecê-lo? Grande é contra o vício!
Esse Anjo é a virtude, que esplende d'amor!

Recolham-se os fructos em arcas doiradas,
Com festas, folguedos, alegre cantar,
Que lá no futuro vos façam lembradas
As horas fagueiras da infancia e do lar.

Guardai-os com zêlo; tereis um thesouro
De fino quilate, subido valor:
De mais valimento que a prata e que o ouro,
Encerra a saudade d'um tempo melhor.

Saudade! Mysterio! Sonhar acordado!
Tristeza attrahente de dôce condão!
No vosso diploma levais bem gravado
O tempo mais caro dos tempos que vão.

Olhando esses prémios na idade avançada,
Tereis, sim, momentos da que ora gozais!
Do vosso collegio vereis a bancada,
E nella os logares, o vosso e o das mais.

Resurgem amigas; resurgem brinquedos;
Recordam-se ainda saudosas lições;
Depois, lá se rasgam aquelles segredos
Que foram guardados em tais corações!...

Ainda das Mestras sentís os avisos,
E a emenda d'um erro que nunca esqueceu!
Da Mãi os abraços, d'irmãos os sorrisos,
Do Pai os conselhos que, amigo, vos deu.

Emfim, eis o prémio, que foi conferido
Á estima, ao trabalho mandado por Deus.
A quem semeára, colher é devido;
A Benção divina vos desça dos Céos.

*
* *

Já velho, quasi em desuso,
E no mais singelo estylo,
Hoje envia Augusto Luso,
Á memoria de Camillo,
Sentida e triste saudade
Do tumulo á eternidade.

*
* *

Ouve o filhinho teu, ó Mãi querida,
Que no seio embalaste ha pouco ainda;
Deixa da terra a tormentosa vida,
Vem commigo gozar ventura infinda.

E á voz do filho, para os Anjos vôa,
Radiante de luz, de eterno gôzo;
Onde preparam perennal corôa,
Ao carinhoso pai, ao terno espôso.

Ao abade Antonio Pinto Outeiro

Cuidadoso Pastor, que á luz brilhante
Da pura caridade,
O rebanho guiaste á Fé constante,
Que leva á Eternidade;
Da pátria dos espíritos olhando
Na terra a humanidade,
Se os amigos ahi te estão lembrando,
Aceita a minha dôr, minha saudade.

O velho estudante aos novos estudantes, alumnos do Lyceu do Porto, offerece a sua Esperança como signal de sincera amizade no dia da sua festa em um de fevereiro de 1901

Que sons festivos, saturando os ares
De risos fraternais, dôce alegria,
Nos prendem hoje, aqui nestes logares?!...
A que heroe o Dever consagra o dia?...

Será ao grande Henrique? ao nobre Gama?
Pombal, Camões, a um Santo lisbonense?...
Nenhum d'estes heroes aqui nos chama;
Esta festa é maior, a todas vence.

É festa da Esperança! Esperança d'um povo!...
Nova assimilação d'um alimento novo
Que á Patria lhe destina a nossa juventude
Com fervoroso amor, alta solicitude.

É a festa das familias. Pais e professores,
Que á patria preparais artistas e doutores,
A festa a que assistís é tambem festa vossa.
Festa da mocidade é de todos, é nossa.

Inflorescencia centripeta
Que as flôres velhas renova,
Esperançosa chrysálida
Bem certa de vida nova;

E vós, sexo mimoso, em cujo rosto
O caracter transluz da humanidade,
De mil graças subtís, meigo composto,
Que no Céo preparou a Divindade.

Sabei que onde faltais, falta a alegria,
E d'onde vós entrais, foge a tristeza.
Se, como alumnas, dais mais brilho ao dia,
Como alumnas tambem dais-lhe a belleza.

A nossa Historia sempre ávida
Foi das glórias portuguezas;
E a natureza foi pródiga
Do meu Paiz nas bellezas.

Ha de voltar a ser próspera
Esta Patria de saudade;
Gozará nos campos flóridos
Paz, Amor e Liberdade.

Mocidade: o Novo Século
Te dê propícias estreias:
D'um lado tens os *Lusiadas*
E do outro novas ideias,

E um paiz, que é bafejado
De dia por grato sol,
E ao luar, acalentado
Pelo dôce rouxinol.

Um paiz para viver,
Um jardim em primavera,
Que a todos fará dizer:
Portugal!... Quem me lá déra!...

POESIA

Ao Ex.mo Snr. Dr. Antonio Feliciano de Castilho

O ente incriado louvamos, pasmando
Ao vêrmos nos máres, na terra e no céo,
Nas aves, nos vermes, nos peixes nadando,
Nas plantas, mysterios que tantos nos deu.

Se em tudo que em roda de nós se levanta,
Presente nos vêmos em Deus sem se vêr,
Melhor em nós mesmos se vê, se abrilhanta
Sciencia infinita de immenso podêr.

Aos homens foi dado tocar as estrellas
Rompendo os espaços co'a púra razão:
Descer ás entranhas da terra e por ellas
Buscar as origens do ardente vulcão.

Lá outros a patria deixando querida
Affoitos se lançam nas águas do mar;
Costumes e linguas, as leis e a vida
A povos remotos lá vão demandar.

E d'outros na mente brilhante scentelha
De fôgo divino, d'ethereo fulgor
Lhe fez dar o nome que a um deus os semelha,
Poeta, este nome que diz creador.

Um vate que junta sciencia e virtude,
Mostrando-se affável a quem o maldiz,
Que busca illustrá-lo, tornar menos rude,
Á torpe ignorancia cortando a raiz.

Um vate incançavel, que os duros abrolhos
Na estrada das letras em flores mudou,
Que abrindo da infancia fechados os olhos
P'ra os passos incertos o chão lhe aplainou:

Que impávido sempre se mostra e o vêmos
Na santa, na humana, na justa missão...
Mas... ah que reparo!... os lábios cerrêmos...
Estavas, ó vate, presente, perdão.

Tecer-te uma c'rôa de nítidas cores
Não posso, nem devo, que pouco te dou:
Que importa uma c'rôa a quem de mil flores
Gentil primavera mimosa creou?!

Que importa uma c'rôa a quem já de glória
Mil palmas ganhára, ganhou mil trophéos?!
Que importa? A sciencia te c'rôa na historia:
Que importa? A virtude te c'rôa nos céos.

Altivos meus carmes não vão exaltados,
Poisar-te na fronte, brilhar por florão,
Aos pés tão sómente te são enviados,
Sinceros, nascidos do meu coração.

O Porto já sente, que é dura verdade,
Que ao outro hemispherio o mar te conduz;
O pêso presente da triste saudade,
Por vêr que lhe foge das letras a luz.

É pena que o tempo contado tão breve
A tua demora nos marca veloz,
É pena que as águas nas ondas de neve
Á patria te roubem do seio de nós.

E se ella, se a patria não falta, ó Castilho
Por ti cuidadosa nos vem inquirir?
E se ella saudosa na ausencia do filho
Nos culpa de havermos deixado o partir.

Porém, se deveres mais santos te chamam
E os braços fraternos que vais apertar,
Deixando vãos rogos d'aquelles que te amam
Tal dita hoje mesmo pudesses gozar,

Vai, parte, poeta, pedidos desterra,
Vai, segue esse impulso, que é nobre, que é teu,
Mas lembre-te ao menos ahi nessa terra
Esta orla da Europa que o berço te deu.

A terra te lembre ditosa que ouvira
Os sons que teu canto primeiro soltou.
Ah! lembre-te o povo feliz que essa lyra
Mil vezes d'amores depois escutou.

Ainda que longe de nós viver possas,
Pertences aos Lusos, pertences a mim;
As palmas são tuas, as glórias são nossas,
E o nome que deixas jámais terá fim.

Dois nomes brilhantes veremos na história,
Dois nomes eternos que o tempo nos fez,
D'um lado — Castilho — nos brada a memória,
E d'outro a glória nos diz — Portuguez —.

AO ILLUSTRE PROFESSOR DO LYCEU DO PORTO DR. MANOEL CORREIA

Sei que não segues, Manoel Correia,
Os torpes vícios d'essa Seita escura,
Que imitas só na lúgubre figura
Da batina vestir, sapato e meia.

Teu nobre coração não se arreceia
Da hypocrisia má, vil impostura,
Nem crês nas falas, riso e na doçura,
Malhas da rêde que a ignorancia enleia.

Se hoje a batina denuncía um padre,
Logo tudo traduz, tenho desgosto,
Nem o quero ouvir, nem cão que ladre.

Tu és homem de bem, levanta o rosto.
Que te importa que acerte, ajuste e quadre
O titulo de infame á Seita posto?

*

* *

O lobo por viver mata o cordeiro,
A raposa na manha acha a virtude,
O rato no roer busca a saude,
O gato por instincto é traiçoeiro.

Desce sobre a perdiz falcão ligeiro,
Demorando o pairar com que a illude,
E assim luctando pela vida rude,
Cumprindo todo o dever primeiro.

Mas quem do mal e bem tem a sciencia,
E na escolha a seguir livre medíta,
Como póde homem ser só na apparencia?

Só uma alma perversa aonde habita
Brutais instinctos, degenerada essencia,
Alma vil e covarde, alma proscripta.

AO MEU COLLEGA E AMIGO VIDAL

A ti, honrado Amigo, o mais modesto
Collega, sabedor e talentoso,
Envío versos meus ao lar honesto
Que a virtude bafeja e faz ditoso.

Se da sorte não tens sido mimoso,
Contra a sorte mantens justo protesto,
Mas não soffres da intriga o vil arresto
Para outro servir que é bem custoso.

Consola-nos ás vezes a desgraça,
Não falemos em mais. D'este cantinho
A minha gratidão hoje te abraça.

Fizeste resurgir o meu Jorginho [1],
Vai vêr o que fizeste e com que graça,
Se o fizeres falar dá-te um beijinho.

[1] Allude ao retrato do neto, feito a crayon.

O PERDÃO

O perdão póde ser de grave offensa
O castigo maior e mais pungente!
Á lembrança do mal sempre patente
Maior vulto lhe dá, dôr mais intensa.

Remorso e confusão! Eis a sentença
Que lavrára o perdão tão nobremente!
A emenda e gratidão constantemente
Agita o peccador que sente e pensa,

Perdoai; sentireis prazer e gosto,
Por todos passareis sempre bemquisto
Com paz no coração, sereno o rosto.

A quem na sombra forja um mal previsto
Tambem me sinto a perdoar disposto,
Como aos algozes perdoára *Christo.*

O SABIO

Ao Ex.mo Snr. Julio Brandão, professor do Lyceu do Porto

Não são sabios aquelles, que contentes
Ficam dos astros em saber os passos.
Nem os que indagam indecisos laços
Que formam da materia os vários entes.

Nem aquelles, que julgam vêr presentes
No organismo animal da vida os traços.
Não ergais para os céos ainda os braços,
Ainda sabios não sois, não sois prudentes.

Caminhe o sabio sempre, estude e siga
D'êste mundo falaz a humanidade,
Que sinta a ingratidão, conheça a intriga.

Ignorante no mais, Deus de bondade,
Conheço o mundo que a injustiça abriga!
Oh! dai-me fôrças contra a iniquidade.

DEUS

AO DR. MANOEL CORREIA, PROFESSOR DO LYCEU

Só Deus existe! E d'Elle se desprendem
Estrellas, nebulosas, firmamento!
Ainda, como então, num só momento,
As partes rege, de quem só dependem!

Todas as vidas d'uma só descendem!
Cyclos eu vejo, a morte e o nascimento;
Palpita o coração, o sol, que alento
Aos planetas vai dar que á vida tendem.

Treme a terra e respira fumo e fogo!
Numa semente só, quando a contemplo,
Vejo mil vidas e mil mortes logo!

Neste eterno lidar sou vivo exemplo
D'esse da vida indecifravel jogo,
No mundo, de mysterios vasto templo.

DESEJO

Emfim já se approxima a primavera,
D'ella nos fala a natureza inteira,
Fala-nos d'ella a límpida ribeira
E a ave anciosa a sua vinda espera.

Tudo a annuncia, já não é chimera;
Di-lo a andorinha, a alada mensageira;
Incensa o ar a casta laranjeira,
E amor lhe offerta uma canção sincera.

Poisando aqui e alli, sempre inconstante,
Ostentando gentil as suas côres
Divaga a mariposa doidejante.

Oh! vem, ó Primavera, meus amores,
Traze-me as horas do teu sol brilhante
E dá-me a distracção nas minhas flores.

Camões na gruta de Macau

Longe da pátria, dos amigos longe,
Mas, só na pátria o pensamento e o amor,
Eis o guerreiro solitario monge,
Eis dos poetas o melhor cantor!

Ei-lo na gruta de Macau sombria,
Em pensamentos e saudades mil!
Quasi divíno, para o céo, erguia
Pállida a fronte, o seu olhar gentil!

Calada a lua, silenciosa passa,
Deixando o vate contemplando o céo
Que o livro amigo num transporte abraça,
Cofre d'amor, e sentimento seu.

Oh! que lembranças, quando passa a lua...
Oh! que desejos!... que saudade então!...
Novas da pátria!... d'essa terra sua!...
Oh! como o peito lhe palpita em vão!...

— Brisas da pátria, refrescai-me a vida,
Trazei-me o orvalho do meu Tejo e mar;
Dos meus os échos d'essa voz querida,
Novas da pátria, do meu patrio lar!...

— Vem ajudar-me, inspiração sagrada!
Vem, Catherina, mitigar-me a dôr!
Guia-me a penna, como guiaste a espada!
Fiel soldado, sou leal cantor.

— Mas... sou amado?!... viverei contente
Neste desterro, nesta dôr feliz!...
A voz erguendo, para a minha gente
Padrão levanto e para o meu paiz.

A ESMOLA

Não é do rico só válido o ouro:
Pois, se é dada por mãos da caridade,
A moeda do pobre é um thesouro,
Que registra no Céo a divindade.

Deus só vê a intenção; dai ouro ou prata;
Dai, pois, como puderdes; dai só cobre:
Se dos ricos a esmola a Deus é grata,
Lá no Céo abençôa a que é do pobre.

*
* *

AO INFANTE D. HENRIQUE

A vós, Egregio Infante, a vós se deve
Brilho e glória do povo lusitano.
Ou renegou a Pátria, ou nunca a teve
Quem hoje o pátrio amor não sente ufano.

Á INAUGURAÇÃO DA PONTE DE D. MARIA

AO MEU AMIGO J. A. N. MOLLARINHO

Com passo de gigante enorme *mastodonte*
Poude o Douro abranger d'um monte a outro monte.
O pesado esqueleto ao tempo abandonou;
E a sêcca e dura ossada em arco alli deixou.
De carros uma série acode e em cima passa,
Monstros que, em quanto o Porto a Lisboa se abraça,
Giram, uivam e fôgo em si respiram só,
Como esmagar querendo e reduzir a pó,
Nesse infernal attrito, um monumento nosso,
Que ás aguas sobranceiro, é qual outro *Colosso!*
Da ousada Emprêsa o nome irá, sem ter rival,
Ás mais nações do mundo a par de Portugal.
Da grande intelligencia eis o fructo e lavores,
Apregoando immortais na terra os constructores.
Da sciencia, engenho humano, artes e mais saber
Da liberdade o facho a luz nos vem trazer.

De toupeiras, embora, a negra sociedade
Minar intente a base á santa liberdade,

A ideia nunca morre; abre as asas no ar
Sobre os martyres seus, e deixa-se pairar;
E aos nomes seus ligando obras e monumentos,
A geração futura emite os pensamentos.
Hão de as nações unir-se em uma só nação,
E ha de ser o progresso o seu livre pendão,
Todas familias sendo, amôr tendo ao trabalho,
Amor á paz e á vida, á enxada, á penna e ao malho.
Rasga do mar o dôrso o rápido vapôr,
E já rôta a montanha é facil de transpôr.
D'um continente a outro eis a eléctrica linha,
O pensamento manda e a palavra caminha!
Arrancam-se da terra óleos, minérios, sais,
E lá no sol distante encontram-se metais!
Por sôbre os rios hoje a mór velocidade
Leva, arrasta e reune a uma outra cidade.
Ó santa propensão de todos reunir!
Nos laços fraternais eu vejo o teu porvir.

Obreiros do trabalho, o destino é chimera;
Melhorai vossa sorte, o fado não impera;
Elle já não persegue os filhos de Caím,
Acabaram-se; e hoje olhais a um mesmo fim,
— A gozar do direito ás honras e ao talento,
— Ao saber, á virtude e ao livre pensamento.

Amor é a igualdade, o Evangelho é a luz
Luz, igualdade e amor o Mártyr foi da cruz.

O Dia de Natal

ÁS CREANÇAS

Não sei que tem êste dia!...
Êste dia de Natal
Que traz impressa a alegria,
Um carácter festival,
Tudo, tudo poesia!

Religiosas heranças,
Que de nossos avós são,
Nessas antigas usanças
Agitam o coração
De velhos e de creanças.

De velhos, sim, é verdade;
Com tristeza e com prazer!
Que êste mixto é saudade
Do tempo, que vêm correr
Com a infancia e mocidade.

Santa noite! abençoada!!...
Noite de folga e de paz!
Ó noite de consoada
Que breves horas nos dás,
Um anno inteiro esperada!

Os filhos de longe venham,
Que hoje os pais não ficam sós.
Os netinhos se entretenham
Com os seus avôs e avós,
E bôa festa mantenham.

Do frio vento o açoite
Não se faz hoje sentir...
Quem ha ahi que não se affoite
Por sobre a neve a saír
Todo riso nesta noite?!...

Dos sinos mais afinado
Parece ora o repicar!...
Ao longe, no povoado,
Se o gallo se ouve cantar,
Como que espanta o peccado!

Meia noite! ó santa hora!
Ó tocar santo dos sinos,
Que annuncias nova aurora!
Ide já, correi, meninos,
A vêr o Presepio agora.

Vêde aos ranchos os pastores,
Que vêm correndo e cantando.
Dançarinos, tocadores,
Vêde, como vem chegando
De todos os arredores.

Vêdes os tres cavalleiros,
Que vem seguindo essa estrella?
São os tres Reis, que ligeiros,
Caminham sempre atraz d'ella
Alegres e prazenteiros.

O gallo lá se espaneja
Sobre essa feliz choupana
Que foi a primeira igreja
Dos fieis da especie humana,
De Herodes cruel, inveja.

E lá dentro, agasalhado,
Entre palha sêca e loira,
Eis o Menino deitado
Dentro d'uma mangedoira
Nuns panninhos embrulhado!

S. José fica d'um lado,
Do outro a Virgem Maria,
E um jumentinho deitado
Atraz, lhe faz companhia,
Da vaquinha acompanhado.

Que pobre casa, Menino!
Oh! que mobilia e que berço!...
Quizeste ser pequenino,
Sendo immenso! E do universo
Tendo na mão o destino!

Mas essa côrte celeste,
Reunida em córos santos,
A qual a innocencia veste,
— Hossana — entôa em seus cantos
De Norte a Sul, Léste a Oeste.

Sobre a choupana descendo
Um paranimpho, qual ave,
As asas d'oiro batendo,
Lá paira: e com voz suave
— Paz aos homens — vem dizendo.

Vêde que festa nos Céos
E entre os homens tambem!
Pois o que nasce em Belém
Tão pequenino, é *Deus!*

= Padre nosso = lhe cantai;
= Que estás nos céos, Creador,
= Santificado, Senhor,
= Seja o Nome teu, ó Pai.

É d'elle o Reino do Céo!
Foi elle o que fez a luz!
Dizei, meninos = Jesus,
= Venha a nós o Reino teu.

= O pão nosso hoje nos dá,
= Não desampares ninguem.
= Perdôa-nos lá tambem
= Como perdoarmos cá.

= És nosso amigo e pedir
= Te vimos do coração,
= Não deixes em tentação
= A nenhum de nós caír.

= Enche tudo o teu amôr,
= Nos Céos e na terra estás;
= Se te pedirmos, darás,
= Que tudo podes Senhor,

= Nos Céos e na terra igual
= Seja feita, sempre assim,
= A tua vontade; e emfim
= Lívra-nos de todo o mal.

= Menino, nós temos fé
= Que tu és a Salvação.
= E vêmos com devoção,
= Jesus, Maria e José.

O Bom Pai, celestial
No Filho glorificai;
Folgai, meninos, folgai
No dia do seu Natal.

AO EX.^MO SNR. DR. DAVID E CUNHA

PROFESSOR DO LYCEU DE VIZEU

Eu tenho um quintalzito em minha casa,
Onde fiz um jardim, coisa pequena;
Tambem tenho um pombal, pois vale a pena
Vêr como o pombo á pomba arrasta a asa.

Uma *cegonha* alli os mais espanta,
Quando lhe dá para tocar matraca;
Entre gallinhas alto *gallo* canta;
Grita a *pintada* [1] = Que está fraca e fraca.

Ninguem póde negar que tudo agrada;
Desabrochar a flor, cantar o *gallo*
E da *cegonha* ouvir a pateada,
Com tudo me entretenho e me regalo.

[1] Pintada, gallinha d'Africa, á qual dão vulgarmente o nome de gallinha do Maranhão.

Porém, a fórma caprichosa e as côres,
O perfume, o matiz, brilho e frescura,
O proprio nome que compete ás flores,
São tudo encantos d'uma tal cultura.

Tenho cactos, jasmins, tenho martyrios,
Trepadeiras, azáleas e a mimosa
E gentil violeta; e entre os lyrios
Tenho a raínha dos jardins, a rosa.

Eu tive uma d'essas rosas,
Graciosas, no jardim;
Era toda o meu encanto,
Quiz-lhe tanto, como a mim.

Tinha a côr assetinada,
Invejada do coral.
Essa raínha d'amores
E das flores do quintal.

Tinha ainda em tenra idade,
Magestade senhoril;
Outra assim jámais enlaça
Tanta graça juvenil.

Tinha o porte soberano
E de humano o garbo seu;
E me parece que via
E sentia tal qual eu.

Toda a minha complacencia
Na innocencia d'ella puz;
Era tal o brilho ao vê-la,
Que uma estrella mais não luz.

Era a filha sempre cara,
Que extremára amor aos pais;
E a amizade que excedia
Repartia pelos mais.

Tinha-a sempre vigiada;
Que roubada, sem mim, não:
Por ella exporia a vida
Tão sentida ao coração.

Antes vê-la na roseira
Mas fagueira, entristecer;
Desfolhar-se nesta escolha
Folha a folha até morrer.

Eu antes queria tê-la
Do que vê-la noutra mão,
Que definhar a deixasse
E a lançasse para o chão.

Porém, tal não quiz a sorte,
Fere a morte sem matar;
Um dia lá m'a levaram
E deixaram-me ficar.

Mas eu sei, pois antevejo,
Num desejo, a dôce paz,
Que a doçura desejada
A passada dôr desfaz.

Sei que o tempo tudo esquece,
E fenece a viva dôr;
Que á noite succede o dia
E a alegria ao dissabor.

Muda sempre o ser vivente,
Permanente, não, não é;
Tambem muda a natureza,
E a incerteza muda em fé.

Á saudade a esperança
É bonança, que me diz,
Que o destino d'uma rosa
Tão formosa, é ser feliz.

Eu sei que a saudade é amarga
E não larga nunca a dòr.
É triste, mas sempre um hymno,
O destino d'uma flòr.

O sentimento abrange indefinida esphera
D'um azul indeciso e não distincta côr.
Insondavel abysmo, e garganta de féra,
Esperando engulir o débil pensador.

Tambem seus astros tem. As estrellas são dôres,
O sol é soffrimento, a luz d'elle, — martyrio,
Pállido gôzo a lua, enlêvo dos amores,
E a vida, se é real, é apenas um delirio.

A alegria e prazer, — meteóros que passam,
O equilibrio é o amor, presente a toda a hora,
O ciume e rancôr raios que despedaçam,
E a saudade esse orvalho, as pérolas da aurora.

Aos annos d'uma creança

Mimosa creança
Que ainda a esperança
D'amor, nem seduz;

Não buscas a luz
Como a borboleta,
Mas sempre inquieta
Como ella, és assim.

Se lá no jardim
Procura os amores,
Tu só d'elle as flores
Reservas p'ra ti.

Se se eleva alli,
No vôo indeciso;
Tu só num sorriso
Te elevas ao Céo.

Fugir-nos é seu
Teimoso desejo;
Tu dás logo um beijo
A quem t'o pedir.

Tem ella a cumprir
Cuidados da vida;
Tu tens, ó querida,
Cuidado em folgar.

Vão ambas a par
De pais sem carinhos,
Mas tu tens padrinhos,
O que ella não tem.

Padrinhos, porém,
Que são teus amigos;
Mas ella inimigos
Em tudo só vê.

Nas asas tem fé,
Que é a sua belleza;
Mas vê que a pureza
Lhes dá o valor.

Creança, o amor
Tambem nos illude;
Porém, a virtude
Não traz illusão.

Não temas, oh não!
Por ella escudada
Serás estimada
Na terra e nos céos.

A benção de Deus
Feliz te proteja,
E livre de enganos
Assim t'o deseja
Madrinha e padrinho,
Ó caro anjinho
Que fazes hoje annos.

*
* *

Já vi sorrir-me as estrêllas,
No tremído scintillar.
Vi a lua por entre ellas,
Risonha, como a folgar.

Agora só nellas vejo
Tristes lagrimas luzir;
E a lua me dá ensejo
De mil saudades curtir.

Essas noites já passadas
Como a idade juvenil,
Foram breves, mal logradas,
Comtigo, alma gentil!

Lembra-me a dôr que sentiste,
Por nos deixar ao morrer!!
Alma gentil que partiste,
Jámais te posso esquecer.

Ainda essa voz sentida
Me fere os ouvidos meus:
«Adeus pai, vai-se-me a vida,
«Adeus mãi, diga-me Adeus.»

Ainda vejo os teus versos,
Lições, livros e papel;
Outros objectos diversos,
Brincos, um lenço, um annel.

Vejo o teu logar á mesa,
E que era á esquerda do meu
E o teu quarto, pobre Th'reza [1],
Tão triste como estou eu!

1 Allude á distincta poetisa Thereza Luso.

Lágrimas e Dores

Lágrimas filhas de sentidas dôres,
Que nos imprime a santa Caridade,
São lágrimas bemditas, são primores
Registrados no Céo. Chora, ó cidade!

São amargas e dòces como as flores
Cercando a noiva e a lousa da saudade.
Aceitai d'este luto a magestade,
Lágrimas filhas de sentidas dores.

Perdêra a filha o pai, a mãi o esposo
Sem ao menos saber depois de morto
O logar, onde jaz o desditoso!...

São lágrimas communs hoje o conforto!
Se já a agua te deu luto amargoso [1],
Veio o fogo [2] enlutar-te ainda, ó Porto!

[1] Allude á catastrophe da ponte e á do vapor «Porto».
[2] Allude ao incendio do Baquet.

O Inglez

Larga passada, um todo esgrouviado,
Cara, cachaço e mãos, còr de lagosta,
Alto pescoço, onde a cabeça é posta,
Rubro coiro de sardas mosqueado;

Tendo o cabello um pouco arraposado,
Suíssa a meio pau, ao vento exposta,
Olho pequeno de que o vicio gosta,
E as costas de cabide já abalado;

Se vês passar assim por qualquer rua,
Com certa imposição, um tal freguez,
Como quem diz — que toda a terra é sua, —

Ou ha de ser fajardo ou ser inglez.
Podes mandá-lo á fava ou á tabúa,
Que um vês, dos dois; ou ambos num só vês.

*

* *

Para vergonha das nações da Europa,
Surgíra d'entre o mar monstruosa ilha;
Cujo povo vaidoso o mal perfilha,
E na tôrpe ambição marcha e galopa.

De horrendos tubarões sórdida tropa,
Que o mar percorre, em busca de partilha;
De cães famintos tão voraz matilha,
Que tudo rouba, quando ensejo topa.

Parece, de cuspí-la se resente
A natureza; e que, por tal loucura,
Tão nojenta a tornou, tão indecente,

Que para se lavar tudo procura;
E toma até o umbigo, na agua assente,
Constante semi-cúpio, mas sem cura.

*

* *

A Inglaterra, nação a mais damninha,
Aonde póde chegar as unhas crava!
Julga que o mar é seu e vê-se escrava
Da vaidade ridícula e mesquinha!

Assim, Carthago tal esquadra tinha
Que senhora do mar já se julgava!
Seus domínios por terra dilatava,
Aspirando do mundo a ser raínha!

O pátrio amor a Scipião ajuda;
Foi Carthago arrasada, o povo extincto,
Que a sorte não persiste, a sorte muda!

Portugal já no mar fôra distincto!
Póde-o tornar a ser, valor o escuda;
Se não tem Scipião, tem *Serpa Pinto!*

*
* *

Brioso Portugal, rejeitá o luto
Que alguns dos filhos teus, desanimados,
Querem vestir-te! e lastimosos brados
Oppôr á força do Bretão astuto!!

Hoje resurge um povo resoluto,
Que lembra as eras dos heroes passados!
Hymnos entôa á pátria consagrados,
Lança ao desprezo o *proceder* mais bruto.

Não trajara de luto a altiva Roma,
Quando a Breno, oppressor, a porta abrira;
Roma é vencida, mas a glória assoma:

Se á espada de Camillo o ultraje expira,
De Roma, Portugal seus brios tóma,
E em *Serpa Pinto* inda esse sangue gira.

A SILVA PORTO

Recebe o Porto d'esse heroe os ossos!
Santas reliquias vai guardar no seio.
Morreste, ó forte, d'amor pátrio cheio,
Pasmo aos estranhos e modêlo aos nossos!

Contra a baba d'hidróphobos molossos
Conheceste o valor, nunca o receio!
Longe da pátria, foste um firme esteio,
Contra vándalos vís e seus destroços.

E hoje o povo portuguez e amigo,
Em funerea ovação, recebe morto
Um bravo que relembra o tempo antigo!

Mas... revive na História! Êste o confôrto
Á perda dos heroes! E o seu jazigo
Bradará: — Um heroe foi Silva Porto.

*

* *

A luz da aurora que nos é fagueira
Vem, triste enegrecê-la o sol já posto;
É sombra do prazer sempre o desgosto,
Seguindo o pranto do sorriso á beira.

Ao dia segue a noite, mensageira
Da tristeza, em que a lua mostra o rosto
Envolvido num véo de luz supposto,
E atraz da vida a morte vem ligeira.

E se hoje atroz incendio trouxe a morte
E a dôr a uns, e a outros orphandade
Ao abandono de indecisa sorte,

Como ao nauta, perdido em tempestade,
D'entre as trevas sorri alegre a morte,
Vem sorrir á desgraça a caridade.

Camões

(Recitada pelo autor no Palacio de Crystal pela occasião do Centenário)

I

Por sobre as cinzas do Cantor sublime
Três séculos lá vão! Três gerações!!
E, volvendo-se os annos, mais se imprime
O nome e a fama do immortal Camões!

Alma esplendida! Espírito fecundo!
O grande, ingente, o vasto Génio teu
Transborda já!... É-lhe pequeno o mundo!...
Por isso, agora lá, ó Vate meu,
Canta entre os Anjos, e encherás o Céo.

II

Ó Pátria de Camões!... Ó Pátria minha!...
E chamam-te inda alguns nação pequena!?...
Tu, que foste dos mares a raínha,
E mãi de vultos de primeira scena!

Tu, que em perigos te mostraste forte!
Que pondo os pés no sul chegaste ao norte!
E, abrindo os braços, cá desde o occidente
Com a dextra tocaste no oriente!

Diga-o o Japão, o Cabo Tormentoso,
A costa da Guiné, Ormuz, Malaca;
Timor, e tu, Brazil; e o aventuroso
Fernando Magalhães que altivo atraca
Onde a terra findara!!
E, *se mais mundo houvera, lá chegara.*

Fale Henrique, e Albuquerque, o forte Castro!
Falai heroes! Não emmudeças, Gama!
Quem vos fez resurgir?! Qual foi esse astro
Que vos deu luz, e vida, e nome, e fama?!
Aquelle cuja lyra sonorosa
Sempre afamada foi, mas... desditosa.

Que á Pátria deu, que as cinzas mal lhe encerra,
O sangue e o amor; e o Génio a toda a terra!
Que sentir soube o amor, toda a ternura
Da linda Ignez, cantando a desventura.
Que, para o Tejo, as Tágides creara,
Que em seus largos crystais se estão revendo;

E, para o mundo, de estranheza rara,
O féro Adamastor, gigante horrendo!
Que foi tão portuguez!... Tão meu!... Tão nosso,
Que o mar afronta e o náutico destroço,
Por salvar precioso monumento
De glórias e de acções; valor, riquezas
Que nos lega num *Novo Testamento,*
Evangelho das letras portuguezas!

III

Porém, desculpa, ó Génio; inquietar-te agora
A paz não quero, não, gozada além do túmulo.
Lembrar-te a Pátria tua e desgostos d'outr'ora,
Seria crueldade, e de injustiça o cúmulo.

Se inda memória tem, se inda pensa e cogita,
A fôrça, que animára esse teu braço intrépido,
Entre gente crestada, aonde o sol crepita,
Longe do sol da Pátria, amêno, dôce e tépido;

Que, irradiando luz de intelligencia pura,
Do talento te acende a chamma forte e vívida,
Que não poude apagar a negra desventura,
A falta do teu Jau, nem a pobreza lívida,

Que a penna te guiou com que voaste á glória;
Pelo presente olvide a falta do pretérito.
Pertencem aos heroes as páginas da história:
Se os homens são mortais, morrer não póde o mérito.

Perdeste o teu Amor, tudo o que te era caro,
Viste a vida fugir, tornar-se o corpo flácido,...
Sem amigos, ó Job, tão pobre, ao desamparo,
Dos lábios soltas — *Pátria* — e logo expiras plácido.

Permitte-me, Poeta, a voz ousada
Neste dia solemne, junto aos mais.
Nem só a fértil chuva ao campo agrada,
Não desprezam o orvalho os cereais.

Se immortal és nos Céos, o engenho e arte
Entre os homens te fez ser immortal.
És nos Céos e na terra, em toda a parte!
Mas foi teu Berço o meu, foi Portugal.

Á morte de Alexandre Herculano

Do occidente da Europa o nosso Portugal
Na história annunciava ao mundo, como oráculo,
Da Pátria essa columna em firme pedestal,
Monumento seguro, ás letras sustentáculo.

Sopra rijo da morte horrível furacão;
O capitel abate ao forte sopro eólio:
Mas fica inabalado o alicerce no chão,
Das letras fundamento a um novo capitólio.

Com bafo pestilente, immunda *turma* quiz,
De hypócritas sem pátria, inimigos fanáticos,
O brilho conspurçar-lhe! Em vão, bando infeliz,
Ousas contra a virtude ardís que julgas práticos!

És *philloxera* occulta, e a vinha do Senhor,
Que cobre o seu altar, edificado sólido,
É a dôce liberdade, a virtude e o amor,
Que destruir intenta o teu trabalho stólido.

Do sol não tentes nunca a Luz ennegrecer!
Não tentes do gigante entorpecer os músculos!
Ha de viver a *História* e o *Monge de Cister,*
Ouvir-se ainda essa *Harpa,* o *Eurico* e os *Opúsculos.*

Se o corpo aos annos curva, aos desgostos talvez,
O seu pensar robusto, a razão sempre válida,
No campo espalha ainda a sua lucidez,
Da estimada oliveira á sombra triste e pállida.

Alli da natureza apreciava a paz,
Da polidez da côrte o campo se fez émulo,
Preferindo do luxo ao bulício falaz
O tropel do rebanho e o arvorêdo trémulo.

Ei-los, a visitá-lo, o sábio, o rico e os reis;
Ousam negá-lo só fanáticos da túnica.
Chorai pelo poeta, ó campos, ó vergeis;
História pátria, chora a tua esperança única.

Deixou-nos um thesouro, herdeiros somos seus,
Do seu pensar profundo e da lingua vernácula.
Pacífico na morte á esposa diz adeus,
E deixa um nome eterno e uma vida sem mácula.

O tempo correr póde, e póde ser veloz,
De levar sempre amigo, e de esconder sempre ávido,
A fama não o teme e eleva a sua voz,
Que o nome de *Herculano* o tempo affronta impávido!

Não retrocede aquelle espirito gentil,
Que da glória se guia ao elevado cúmulo.
Nesse — *Aqui Jaz* — não fica, aonde ficam mil,
Mas sobe com a morte, e ascende inda no túmulo!

É monumento a história, incólume do pó,
Por mais que a terra volva acelerada e rápida;
Das gerações no peito, estes dois versos só,
Serão mais rijo bronze, eterna e dura lápida:

Egrégio romancista, habil poeta,
Profundo historiador, quasi propheta.

HYMNO DA BENEFICENCIA

Executado no dia da inauguração solemne da Associação Fraternal de Beneficencia de todas as classes do Porto

Incensos queimemos nos santos altares
Á Mãi das virtudes, que nobres nos faz:
Á Beneficencia que entorna a milhares
Allívios aos pobres e bençãos nos traz.

Amêmo-nos todos e o Céo nos proteja,
Vereis quanto é dôce tão grata união:
Aquelle que aos outros ser util deseja,
Mais nobre que os nobres tem alma e brasão.

Soccorros levemos áquelle que é pobre,
Mil bençãos, mil graças, o Céo nos dará:
Por cada pequena moeda de cobre
Thesoiro inefavel o Céo nos tem lá.

Amêmo-nos todos e o Céo nos proteja,
Vereis quanto é dôce tão grata união:
Aquelle que aos outros ser util deseja
Mais nobre que os nobres tem alma e brasão.

No bem que fazemos já temos a paga,
Que a irmãos ter valído traz summo prazer:
Assim Caridade consola e affaga
Aos bons que exercitam seu santo mister.

Amêmo-nos todos e o Céo nos proteja,
Vereis quanto é dôce tão grata união:
Aquelle que aos outros ser util deseja,
Mais nobre que os nobres tem alma e brasão.

Quem é que á viuva que a mão nos estende,
Soccorro implorando, mal firme nos pés,
A fome lhe mata? do frio a defende?
És tu, Caridade, responde, sim, és.

Amêmo-nos todos e o Céo nos proteja,
Vereis quanto é dôce tão grata união:
Aquelle que aos outros ser util deseja,
Mais nobre que os nobres tem alma e brasão.

Consôlo ao mendigo levar só tu pódes,
Tirando a miséria da lama e do pó:
Só tu, Caridade, que aos orphãos acodes,
Virtude és sublime, nobreza és tu só.

Amêmo-nos todos e o Céo nos proteja,
Vereis quanto é dôce tão grata união:
Aquelle que aos outros ser util deseja,
Mais nobre que os nobres tem alma e brasão.

Talvez nós ainda com trémulos passos
O pão mendiguemos d'algum bemfeitor...
Portanto, hoje unidos, firmemos os laços
D'irmãos n'um abraço, de Deus no amor.

Amêmo-nos todos e o Céo nos proteja,
Vereis quanto é dòce tão grata união:
Aquelle que aos outros ser util deseja,
Mais nobre que os nobres tem alma e brasão.

ÁS CREANÇAS DO ASYLO VIZIENSE DA INFANCIA DESVALIDA

Sinite parvulos venire ad
me; et ne prohibueritis eos.
S. MARCOS, CAP. X, VERS. XIV.

É grande aquelle que valendo ao pobre
Dá trabalho e comer, instrue e guia.
Se, como Abel, o sacrificio envia
E contrito no templo se descobre.

É grande, quando o desvalído acolhe
E por Deus tem traçado o seu destino.
Quem na terra semeia o que é divino
Fructos divinos lá no Céo recolhe.

Se a oração, quando é sincera,
É agradavel sempre a Deus,
O trabalho, quando honesto,
É registrado nos Céos.

Tem Deus um altar no templo
E no trabalho outro altar;
Aqui, se exerce a virtude,
Alli, se vai confirmar.

Alegrai-vos no trabalho
Que dá saude e valor.
Jesus, que amára os meninos,
Será vosso Protector.

Respeitai os bemfeitores,
Porque Deus os destinou
Para a missão mais sagrada
Que na terra nos deixou.

Exercer a caridade
Que é de Christo o santo amor!
Amai-os, sereis amados
Por elles e do Senhor.

E para quem nos dirige
Pedí do Céo as mercês.
Agora, folgai, cantando,
Santo Antonio Portuguez.

Se a igreja no dia d'hoje
Um santo recebeu mais,
D'este Asylo os bemfeitores
Vos recebem como pais.

E eu?!... Nada posso fazer-vos!
Que pouco valor o meu!...
Deus proteja o vosso Asylo,
Abençoando Vizeu.

Ao intelligente, estudioso e habil amador das letras pátrias

AUGUSTO DE CASTRO SAMPAIO CORTE-REAL

OFFERECE O AUTOR

não pelo valor dos versos que pouco valem,
mas pelo assumpto de valor subido.

A quem sente da Pátria o amor profundo
E d'ella, como filho, as letras ama,
Aponto um nome para cuja fama
É pequeno o paiz, pequeno o mundo.

Pobreza e Caridade

Quando o silencio sobre a terra desce,
Quando em socêgo a natureza dorme,
Quando a lua afinal meiga apparece
E no concavo Céo marcha uniforme,

Nem todos gozam salutar descanço,
Da noite o fim para que foi creada!
Se á esquerda os olhos por acaso lanço,
Ouço das órgias a infernal risada!

Mas, á direita que esplendor! Que vejo!
Sêdas de rastos! Pelo chão capellas!
Pudícas virgens, mas... alli sem pejo
Nas danças vôam, delirando nellas.

Porém, atraz de mim, eis nova scena!
Não tem brilho nenhum, não é pomposa:
Mas inda assim, ao parecer pequena,
É talvez mais sublime e preciosa!!

São dous miseraveis pobres,
Um velho, já bem cançado,
Longa a barba, corcovado...
Pedem ás portas d'uns nobres!...
Traz comsigo uma mulher,
Mulher tambem já de idade...
E pede tão acanhada!...
Ouví-lhe só — *Caridade,*
Ah! não nos deixeis morrer.

Oh! Familia desgraçada!
De fome não morrerás:
A esta cidade honrada
Valer á desgraça apraz.

Oh! Vem, nos braços te entrega
Dos filhos já de Leiria:
Sécca as lágrimas, socega,
E veste-as só de alegria.

Vem pisar commigo a scena;
Do congresso olha a união,
Como sabe, ao divertir-se,
Lembrar-se do pobre irmão.

Salvè, virtude sublime!
Mãi de todas, Caridade,
Que Deus nos homens imprime
E paga na Eternidade.

E nós, Congresso honrado e benemérito,
Áquelles que pisando a scena lusa,
Julgam sólo pisar de estranha gente,
Mostremos, como irmãos, que não recusa
O nosso coração louvôr ao mérito.
Dos dois irmãos Munnés eternamente
Os nomes fiquem entre nós saudosos..
Mostrar a gratidão empenho é nosso,
Gratos seremos, elles generosos.
Gratos seremos que eu tambem sou vosso.

Se no Porto nasci, nessa cidade,
Que tem de hospitaleira o nome e a fama,
Em Leiria viver foi-me vontade,
Aceitai, como irmão, a quem vos ama.

Quero ser vosso irmão, que eu li num dia,
Na página que marca a minha vida,
Que ditoso comvosco eu ser podia,
Que esta terra d'um Anjo é protegida!

Quiz voltar outra página e não pude!
Pois sellava o futuro, e estava presa!
Chimerico porvir, talvez me illude!...
Mas sabes o que vi!?... Ah! Que surpreza!...

Da primeira atravez, meu pátrio Douro
Vi ao Liz abraçando... e... que mais tinha!?...
O gôsto me suffoca... em letras d'ouro
Um Anjo caro li na vida minha.

AO DR. MANOEL CORREIA

Collega, amigo meu, sábio bondoso
Quae te dementia cepit hoje em dia!?
Tu que venceste a kikera ousadia
Do soberbo coimbrão, pavão vaidoso,

Defenderes o espírito orgulhoso
D'aquelles que Cervantes reunia
No Quixote de pôdre fidalguia,
Não é, meu bom collega, muito airoso.

Governa Affonso treze! É mau agoiro!
Treze entre o pôvo é número aziago!
Julga a Hespanha correr na praça um toiro?

Não vai contra as estrêllas Santiago,
Nem elle hoje se importa com o moiro
Por mais que ouça gritar — *Conho, carago.*

*

* *

Todos vós sois irmãos. Phrase divina,
Que nos homens diffunde a santa ideia
Do Mestre justo e bom da Galileia!
Amai-vos uns aos outros: Elle ensina.

E aos discípulos, quando peregrina,
Da humildade, e após a santa ceia,
O exemplo mostra áquelle que odeia
E áquelle que no hombro se lh'inclina.

Quer no tugúrio ou paço magestoso,
A morte é sempre fria, tudo iguala.
Cinza resta do pobre ou poderoso.

Que importa se inda além da morte fala
O jazigo que se ergue audaz, vaidoso?
Todo o homem é pó na crypta ou valla.

*
* *

Passada a Exposição, onde mimosas
Ostentam gentís as suas côres
As fadas dos jardins e dos amôres,
A açucena, o jasmim, lyrios e rosas.

Succede outra que em fórmas caprichosas
Do trabalho nos traz nas lindas flores
Sciencia e virtude, seu perfume e côres,
Perfume e côres que não têm as rosas.

Se encanta dos jardins toda a belleza,
Se tanto nos enleia essa frescura
Que alli pródiga espalha a natureza,

Mais attractivos tem essa cultura
Que nos traz distracção, honra e riqueza,
A paz do nosso lar serêna e pura.

*
* *

O sábio, que não sabe, é coisa triste!
Olha todos os mais com arrogancia,
E cheio de arrotar, pela jactancia,
Infallivel se crê, marcha e persiste.

Dos erros apontados não resiste,
E abraçando a teimosa intolerancia,
Em si encontra da sciencia a Estancia,
Faz descobertas no que não existe!

D'estes conheço eu um, que ledo e cego
Naquelle engano d'alma nunca visto,
(Grita ao lêr as lições do velho grego)

Tinein tons goueas! Bravo! Bravo! É isto!
Eis o Aoristo feliz, que á pátria entrego,
Fazendo aclimatar o grego Aoristo.

O cêrco do Porto

I

O Porto, homenzarrão e para mais guerreiro,
Poude sempre affrontar desgraças e perigo,
Sabendo desprezar a inveja, vício antigo,
Que em roda dos heroes foi sempre um formigueiro.

Dois cêrcos teve Diu, teve o Porto um terceiro,
Num d'elles seu valôr faz livre um povo amigo.
Por seus direitos pune, exige leis e abrigo,
E noutros junta ainda as palmas ao loureiro.

Quer outro cêrco ao Porto a menina Lisboa!
Nunca teve bubões, pois nunca foi garôta!
E sempre limpa foi, sempre menina bôa.

Quer um cêrco aos bubões, á cidade marôta,
Que come tripas só! Coisa que muito a enjôa,
E deixa a alface e os bons figos da capa-rôta.

*
* *

A morte, Senhora antiga,
Tomou a Guerra, vizinha
De quem era muito amiga,
P'ra creada da cozinha.

Mas como tudo avassala,
Senhora nobre e ladina,
Para creada de sala
Escolheu a medicina.

Chama-se um marceneiro
Para compôr uma mêsa,
Se a não compõe ou a estraga
Não se paga com certeza.

Vem o doutor a um doente,
Este morre; não curou.
Mas paga-se não a cura,
Mas as lérias que contou,

*

* *

Eis aqui o Cantor, da pátria amigo,
Que por ella arróstou na Africa ardente,
Protegido da Cruz, contra o crescente,
Que Mafoma arvorou como inimigo.

Que por ella não soube o que é perigo,
Mas a pátria só vê, amôr só sente.
Ergue-lhe o braço, o coração e a mente,
Que a saudade lhe acende e vai comsigo.

Eis o Poeta, agora abandonado,
Esquecido, á mercê, sem nome e glória;
Mas das lusas acções sempre lembrado.

Se o túmulo calou d'elle a memória,
No futuro o tornou divinizado,
Lá entre os génios immortais, a história.

O Misanthropo

Ao meu amigo Faustino Xavier de Novais

I

Lá bem distante, na mais densa brenha,
Nunca libada por humanos passos,
De mui grossos torrões e bruta lenha,
Obra robusta de robustos braços,
Do Misanthropo jaz tôsca a choupana,
Provocando ao tufão a furia insana.

Não tem alfaias, que empanar-lhe possa
Das cidades o bafo lisonjeiro;
Sêcca alfazema que em socego roça,
É seu molle e bordado travesseiro:
Descança os membros em doirados colmos
Que levantam do chão troncados olmos.

Corre-lhe á porta um límpido regato,
Que, em giro sinuoso discorrendo
Por entre arvores mil, roçando o matto,
Sonoroso trepída e vai gemendo:
Sobre a porta em docél de folhas pendem
Os dôces cachos que o desejo acendem.

Não lhe minguam saborosos fructos;
A cidra, a lima e a romã córada
Pagam-lhe a tempo mui fieis tributos,
Lei permanente pelo céo firmada:
Vários legumes, vegetais diversos
Crescem viçosos por alli dispersos.

Nem tambem ao deleite alli lhe faltam
Os cheirosos jasmins, as bellas rosas,
As madresilvas, que a espessura esmaltam
De trepadeiras mil, que, preguiçosas,
Umas a outras com mil voltas cingem,
E grossos muros de verdura tingem.

Não quer dos homens nem tocar a imagem,
Adoradas riquezas não conhece;
Apraz-lhe a solidão; entre a folhagem
Goza o somno da paz onde adormece:
Das tenras aves dôce voz cadente,
Attento escuta e regozijo sente.

É seu amigo, seu fiel, seu guarda,
Corpulento molosso e destemido;
E pende ao lado seu férrea espingarda,
Companheira que o tem jámais trahido:
Gozando independencia e liberdade,
Das florestas é Rei na soledade.

O seu mundo querido e limitado,
Unico ente que a razão domina,
Se deleita, e indagar tem procurado
A natureza que lhe ri benina:
Apraz-lhe o lêr nos céos em ígneos tomos
—*Não nos fazemos, mas creados fomos!*

Se acaso escorregar deixa na mente
Lembranças, que perder deseja agora,
Qual perseguido, estremecer se sente;
E, temendo ser visto, anceia e cora:
E, seguido do cão que em roda salta,
Sobe a montanha que avistou mais alta.

II

Vem, vem cá fiel molosso
A sós comtigo aqui posso
Meu pensamento exprimir;
Homens aqui não receio,
Nem sua sombra que odeio
E nos podia trahir.

Este ar aqui não consente
Dos homens o pestilente
Bafo, que o possa alterar:
Aqui é livre a passagem,
Toda pureza esta aragem
Que vês com as folhas brincar.

Das cidades esse brilho,
Que me importa, sendo filho
De criminosa ambição?!
Prefiro ao luxo este monte,
Aos jardins este horisonte,
Aos bailes a solidão.

Eu não creio na amizade
Que existe na sociedade,
Emquanto humana ella fôr:
Prefiro as tuas carícias,
Ás que se dizem delícias
Que póde gerar amor.

Eu já no tropel do mundo
Conheci homens a fundo,
Que julguei amigos meus:
Só dolo, traição, maldade
Conheci na humanidade,
Vi no egoísmo o seu Deus!

Tu grato, fiel, calado,
Constante sempre a meu lado
Tens sido no mal e bem:
Os homens não se conhecem,
Uns aos outros se aborrecem,
Hypocrisia só têm.

A sua sombra detesto...
Debaixo do céo protesto
Da minha raça fugir,
Emquanto arrasado o mundo
Por um dilúvio segundo
Não fôr e outros eu vir.

Tu mulher, que da desgraça
Me deste a beber a taça
Do mais amargo fel,
Fizeste com que odiasse
A tua especie, e mudasse
Hoje a taça em dôce mel.

Oh! quanto o homem offende
Seu creador que lhe acende
Na razão brilhante luz!
Deve seguí-la e lhe fecha
Os olhos que abrir só deixa
Para a paixão que o seduz!!

Eu já vi no mundo encantos,
Julguei os homens uns santos,
Julguei um anjo a mulher!
Num peito, que julguei terno,
Encontrei dentro o inferno
Em negras chammas a arder!

Eu amei, fui todo d'ella,
Toda encantos, toda bella,
Risonha, meiga e gentil,
Ser minha protesta e jura;
Falta á fé, faz-se perjura,
E desfaz protestos mil!

Inda agora quando acordo...
Oh! quantas vezes recordo
Aquelle beijo final?!
Um beijo que me escaldara!
Mas, que orgulho o mudara
Hoje em ódio, em chamma igual!

E quantas vezes commigo
Veio ter, ah! um amigo
A quem por vezes vali!
Mas, de tudo se olvidara,
Ingrato, me atraiçoara
Com ella, que mais não vi.

Fugiram... oh! longe estejam...
Debaixo dos pés só vejam
Duros abrolhos crescer;
Falte-lhes água na sêde,
A comida se lhes azede
E vivam para soffrer.

Oh! não poder c'uma bala
Varrer tal raça, acabá-la:
Vingar-me assim da traição!?
E tu, arcabuz terrível,
A todos sempre temível,
Que fazes na minha mão?

Mas... vem cá, fiel molosso,
Viver entre homens não posso,
D'elles não quero saber:
Mas, eu fui allucinado,
Não lhes hei mal desejado,
Possam gozar o prazer.

O céo lhe perdôe os êrros,
Porém longe d'estes cêrros,
Bem longe, vivam sem mim:
A sociedade me opprime,
Aqui sou livre e sem crime,
Entre elles... não fôra assim.

Isto diz, o corpo deita
Sobre a relva, e o braço ageita
Onde a cabeça poisou:
Aos pés o cão enroscado,
Tendo três vezes girado,
Tambem no somno pegou.

III

Zagala mimosa, que as vestes trahiam
As fórmas tão bellas por não costumadas,
Nas rudes montanhas que abrolhos cobriam,
Guardava d'ovelhas diversas manadas.

A donos diversos dar conta devia
Da rêz derramada, por ser cautelosa;
Seu curto sálario, comida d'um dia,
Eis tudo o que tinha na vida espinhosa.

Mas... triste! no peito sómente guardava
Amor e tormento, que mais não conhece:
Seus olhos tão meigos, que o pranto arrasava,
Diziam = pezares a quem nelles lesse.

Em mil pensamentos absorta, não tenta
No bando rebelde o cuidado,
Saudosas lembranças no seio apascenta
D'antigos amores que havia deixado.

Acerbo remorso sua alma tortura
De crime nefando que as faces lhe cora:
Então delirante, maldiz a ventura,
Maldiz sua vida, seus dias e chora.

Assim descuidosa lhe escapa voando,
De montes em montes, ovelha ligeira:
E a triste lá corre, lá trepa anceando,
Da rez fugitiva na proxima esteira.

Lá chega ao cabeço, porém fatigada,
Aonde inda dormem o cão e seu dôno;
As forças lhe fogem, lá cai desmaiada,
Sózinha ficando no triste abandôno.

A ovelha seguindo,
Mui perto passou
Dos dois, e d'um salto
O monte galgou.

O cão a pressente,
Ao largo lá sai:
Que o raio mais rápido
Lá parte, lá vai.

Lá salta latindo,
Lá sobe, desceu;
As garras levanta,
Os dentes bateu.

A presa fez sua,
Nos dentes a traz
E aos pés do seu amo
Segura alli jaz.

Mas, logo que em mãos
Do dono a sentiu,
No ar farejando,
Ganindo fugiu.

Levando o focinho
No chão e no ar,
A cauda abanando,
Co'a triste foi dar.

Então, solta um uivo
Que o dono chamou;
A triste a si torna
E muda ficou.

Nos olhos e fronte
Passou leve a mão;
Depois a colloca
Junto ao coração.

Ideiás agora
Parece chamar:
E no misanthropo
Fitou seu olhar.

Anceia e suspira,
Agíta-se e ri!...
Mas logo lhe brada:
Ah! foge d'aqui!!...

De ti jámais pude
Feições confundir...
És tu, és tu mesmo
Que eu pude trahir...

És tu que querias
Fazer-me feliz:
Eu sou a perjura
Que a sorte maldiz.

Troquei teus affagos,
Troquei teu amor
Por fúteis promessas,
Por falso traidor.

Por ti e por elle,
Por todos emfim,
Desprezada, aos montes
A servir eu vim.

Porém se te serve
O arrependimento,
Sou tua, e ditosa
Serei num momento.

«Ah! foge maldita
«Que eu sou misanthropo:
«Aqui nem a sombra
«Dos homens eu topo.

«Aqui tu vieste
«Profanar a terra,
«Que a paz me destina,
«E gozos me encerra.

«Ah! foge perjura,
«Amaldiçoada
«Por mim, e por todos,
«Mulher desprezada».

Ao menos se póde
Servir-te esta dôr,
Se meu infortúnio
Te abranda o rancôr,

Oh! por piedade
Sê menos cruel;
Aqui nestes êrmos
Sepulta a infiel.

IV

Sente-se elle vacilante,
Olha a custo a desditosa
Que, em pranto amargo banhada,
Estende as mãos piedosa.

Ao colo do fero amante
Depois os braços lançando,
Contra o seu peito o aperta,
Sentindo-se ambos arfando.

Ah! livrar já se não podem
Dos ternos e dôces laços;
Ella chóra, elle suspira,
Já se confundem seus braços.

Escapa um beijo ao acaso
Que d'ella roçou na fronte,
=Oh! sou feliz=ella grita=
Rainha sou d'este monte.

Agora aqui desafio
Os grandes, os reis da terra:
Se elles imperam nos homens,
Impero eu nesta serra.

Se elles a fronte guarnecem
Com pesada c'roa d'oiro,
A minha cingir eu posso
De rosas e verde loiro.

Aqui o crime execrando
Não póde vir perturbar-me;
Sou tua, aborreço o mundo,
Oxalá possas amar-me!

Sou tua, meu bem, sou tua:
Treme, delira e sem pejo
Ao peito o cinge e nos labios
Lhe imprime escaldante beijo!

Tresloucam ambos d'amores...
Á choça lá vão direitos...
E longe do mundo ingrato
Vivem sós e satisfeitos.

AO BRIOSO EXERCITO PORTUGUEZ

e nomeadamente aos bravos militares expedicionarios á nossa costa d'Africa

Sempre firme união, vida e vontade,
Patriotismo e amor á glória ingente,
Ás artes, á sciencia e á liberdade,
Os attributos são da lusa gente.

Em nossos corações gravado fique
Que a Pátria não morreu nem dorme, vela!
Quando saudei o Infante D. Henrique,
Só brios lhe pedi, valor tem ella.
«Dai-lhe brios bastantes,
«E o gigante será qual fôra d'antes.»

E parece que o Infante
Ouvíra lá os meus rogos!
Para essa Africa distante,
Que fôra sempre e é sua
Do Vátua ardendo em fogos,
Ás ordens do Gungunhana,
Manda a tropa lusitana,
Que os vença, esmague e destrua!

Marchai, valentes amigos,
Não afrouxe a nossa história,
Marchai contra os inimigos,
Marchai e correi á glória!
Lembrai os tempos antigos
E tereis certa a victória.

E são os nossos soldados,
Por sobre o mar revoltoso,
Ás negras praias chegados.
Eis o bárbaro affrontoso!
É vencido e prisioneiro,
E a bandeira portugueza,
Que conhece o mundo inteiro,
Fluctúa com afouteza.

Essa côr, que do céo veste,
Finge d'Africa a negrura,
E o branco e o azul celeste
Lhes adoça mais a agrura
Que sentem na Africa ardente!
Oh Pátria! Pátria d'outr'ora?!
És a mesma ainda agora,
Pois que tens a mesma gente!

Quem teve um segundo Castro?
Um Albuquerque segundo?!
Quem tantos heroes ousados
Espalhou por todo o mundo,
E que ainda hoje não sente
A falta d'uma tal gente?!

Se o Vátua, novo Golias,
Manda novos Filisteus,
Tem em frente o nosso exército
Esse exército de Deus,
Que esses bárbaros guerreiros
Dissolve e faz prisioneiros.

É-me impossivel saudar a todos,
Cada um no posto seu, sempre um valente;
A Pátria minha tem, por vários modos,
Mostrado sempre heroes na sua gente.

Do famoso Albuquerque heroe guerreiro
Cai Ormuz ao bater da rija espada!
Sôa a cornêta, é Badajoz tomada;
E foi um dos heroes um corneteiro!

Os sempre bravos artilheiros nossos
Despedem raios, com firmeza tanta,
Que a grita entre os rebeldes se levanta
No meio do pavor e dos destroços!

Centos de feras com figura humana,
Tentam aos nossos impedir o passo:
Mas, de Galhardo á força soberana,
Á voz do seu commando e forte braço,
Fogem as feras, ruge o leopardo,
No matto occulto, ao coronel Galhardo!

Se o grande Scipião sendo romano,
De Africano recebe o nome honroso,
Tambem hoje, apesar de lusitano,
A Mousinho darei nome, assombroso
Entre as cultas nações = O d'Africano.

A volta da Terra Santa

I

Houve um guerreiro mancebo,
Poeta, como concebo
Poetas, do qual recebo
Uma terrivel lição!
Dotado d'um génio ardente,
De lúcida e viva mente,
Capaz de fazer presente
As impressões que lá vão.

Franco, terno, arrebatado,
Enthusiasta e amado
Da desgraça; pois fadado
Infeliz fôra tambem!
Sensivel, a amor sujeito;
Da belleza escravo feito,
Lhe teve rendido o peito
Como os poetas o têm!

Amou tanto, quanto amaram
Os vates que já passaram
E mais ternura deixaram
Em seus versos respirar.
Peregrina formosura
Viu, e vê rir-lhe á ventura;
Jura-lhe amor, ella o jura;
Era o mais ditoso par.

Ambos elles se empregavam
Em agradar-se, e passavam
Contentes; só esperavam
O tempo para os unir.
Foi então que lá distante,
Com brevidade bastante,
Fôra mister ao amante
Deixar a amada e partir.

Emquanto por lá vivêra,
No peito dentro a trouxera;
Por fóra a cruz que o fizera
Seus bens e terra deixar,
A cruz, imagem divina,
Por quem fôra á Palestina,
De entre essa gente ferina,
Santas terras conquistar.

E lá nos plainos ardentes,
Entre os cruzados valentes,
Tintos em sangue os crescentes
Fez no chão rolar aos mil.
Via na cruz a victória;
No futuro a sua glória:
E presente na memória
Trazia a dama gentil.

Apenas tinha acabado
De ouvir da victória o brado,
Não espera; inda cançado,
Volve as rédeas ao corcel;
Fere-lhe o ventre, elle vôa;
Já longe o clarim resôa;
Vai depor louros e c'rôa
Aos pés da amante fiel.

II

Eis-me alfim, eis-me chegado
Ao meu torrão desejado,
Branco de pó e alagado
Em suor que em fios cai;
A tez me estala no rosto!
Oh! que abafadiço Agosto!
Bem breve sejais, sol posto,
E fresca brisa mandai.

As plantas murchas perecem,
Os rios d'aguas carecem,
As aves até parecem
Cahirem por falta d'ar!
Seccam-se todas as fontes
E racham-se os duros montes!...
Parece que hoje os Ethontes
Querem pé no mundo achar!!

Ó meu Deus! quem me concede
Uma só gôta, uma sêde
D'agua pura, que me vede
Esta secura, este ardôr...
Mas... Ó Céos! esta romagem!...
Eis a choupana... coragem...
Ei-la, alveja entre a folhagem
D'árvores mil em redor!

Lá se descobre... eis a escada...
De pedra que tem á entrada...
Eis a palmeira plantada
Cá fóra, por minha mão:
O meu alpendre querido,
Onde do sol escondido
Logrei um sol mais luzido
Que me abraza o coração.

Alli as tardes calmosas
Vinha passar deleitosas
Entre alvas pombas mimosas
Que alli tem o seu pombal;
Só ellas presenciaram
Os beijos que se trocaram,
Os suspiros que voaram,
Cheios d'amor sem rival!

Só ellas, sim, sómente ellas,
Que innocentinhas e bellas
Buscavam 'té mil cautellas
Para nos não perturbar.
Em roda de nós, mansinhas,
Batendo as leves asinhas
Voavam: depois sozinhas
Lá nos iam imitar.

Vinde, ó gozos que presinto!
O bem que na mente pinto
Me allivía, eu já não sinto
Cansaço, sêde, calor:
Agora aqui só me fala
Amor que este peito abala;
Vou vê-la, vou abraçá-la,
Pagar amor com amor.

Ao corcel em que montava
Dá de esporas e voava,
Zunindo o ar que rasgava;
Foi um momento a chegar.
Lá sobe, lá entra ancioso;
Vai abraçá-la orgulhoso,
Mas só póde, desditoso,
Frio cadaver beijar!

AO ESPIRITO SUBLIME DO INSIGNE POETA

O Visconde de Almeida Garrett

Salvè! Facho de luz brilhante e pura!
Mais intenso que o sol que o frio acalma,
Não te póde esconder a sepultura!
Aquentas corações, penetras n'alma!
Dos espíritos sol, de todos guia,
Para os cegos, até és luz, és dia.

Onde foi, Portugal, onde nascêra
Aquelle, ao qual Camões cantar só coube?
Que a saudade sentir tanto soubera,
Que ninguem definir, como elle, a soube?
Dos espíritos sol, de todos guia,
Para todos foi luz, perenne dia.

Onde nascêra o primoroso Vate?
Responde, heroica e liberal cidade.
Que, além de Génio do maior quilate
Foi martyr, como tu, da liberdade!
Dos espíritos sol, de todos guia,
Para todos foi luz, perenne dia.

Foi no Porto. Por isso, altos louvores
Ao mimoso cantor das liras d'ouro,
Tecei, fontes, vergeis, prados e flores,
Cantai-o, ó margens do meu pátrio Douro.
Dos espíritos sol, de todos guia,
Para todos foi luz, perenne dia.

Bem que a morte feroz nas garras tome
O Génio, e julgue que na campa o encerra,
Por seculos sem fim vôa o seu nome,
E esse espírito seu circumda a terra!
Dos espíritos sol, de todos guia,
Para todos é luz, perenne dia.

Salvè! Facho de luz, brilhante e pura,
Dos espíritos sol, de todos guia!
Nunca póde apagar a sepultura
Fulgentes raios d'um perenne dia.

A INTELLIGENCIA É LUZ, O SENTIMENTO O SOL

Facho, que espalhas pelo mundo a luz,
Sem nada exceptuar, igual e pródigo,
Tu, das côres a fonte que seduz,
És de infalliveis leis brilhante código.

Se em diamante, limpido crystal,
Incidem raios teus, que luz insólita!
Como tu entre estrellas és rival
Da *esmeralda, rubí* e da *crysólita.*

Porém, no escuro e áspero carvão
Parece inerte a vibração ethérea!
Parece resvalar no seixo em vão,
Preferencias fazer entre a matéria.

Mas a luz sempre a mesma, a mesma, sim;
Quer na massa indigesta do calcáreo,
Quer sobre o prisma de crystal, emfim,
Conforme é recebida o effeito é vário.

Movimento subtíl, geral tremor,
Enchendo o espaço, abysmo immenso e tétrico,
Aqui tu serás luz, alli calor,
Além, mais rápido esse effeito eléctrico.

Se á *sensitiva* o movimento dás,
Negá-lo-hias á singela *hepática?*
O seu modo de ser não é capaz
De apreciar-te assim a luz sympáthica.

Se a immortal *alga,* reproduz no mar
Inquietos filhos, que abandonam túmida,
Sensiveis animais, porque negar
O sentimento á mãi na pátria húmida [1].

Se a *formiga* o sentir mais fino tem,
Que desdobra depois na intelligencia,
Esta se espalha como a luz tambem,
Tendo no sentimento alta potencia.

[1] Muitas algas se reproduzem por *sporos* animados, os quais se movem, logo que saem do seio da mãi. Esta entumece-se em alguns pontos, que são rompidos pelos *sporos* com uma especie de bico ou ponta (rostrum). Depois nadam na água até se fixarem sobre a rocha ou em outro corpo, onde vão abrindo, alargando, convertendo-se em folhas e formando a planta.

O mais puro crystal, o nobre sêr,
Que pensa, e sopra o que pensou dos lábios,
Mais que nenhum responde! Humbold, Gilbert
São conscientes e entre os mais são sábios [1].

Mas uma jaça, que affectar algum
Desvia á intelligencia os raios lúcidos.
Ella é única e pura, igual, commum,
Mas nem todos os corpos são translúcidos.

[1] O sábio Humbold e Guillaume Gilbert, de Colchester, que se póde dizer o pai da sciencia da electricidade.

Carta

Do que parece ousadia,
Senhora, peço perdão.
Eu sei o que me cumpria:
Sem a vossa permissão
Escrever-vos não devia.

Porém, já que em vosso peito
A bondade quiz morar,
A vossos pés, com respeito,
Deixai meus versos chegar,
Dai-lhe esse gosto e direito.

Dizei a vosso Marido,
Que me não posso esquecer
Do quanto fui attendido,
E que vou agradecer
Favores que não olvido.

Nem olvidar me podia
D'esses passeios assim,
Sempre em bôa companhia;
E que hoje no Bomjardim
Me lembram de noite e dia.

No Barco do Bico agora
Se deve a tarde gastar;
Amanhã seja a Senhora
De Guadalupe, e gozar
Devemos a melhor hora.

Depois no Senhor do Monte
Aquelle almoço e jantar!
O descanço ao pé da fonte
E do cedro secular
Em frente ao vasto horisonte!

Entre alegres campos Braga,
Que nos vai ficando aos pés!
E distante, entre a côr vaga
Do Céo e terra o Gerez
Que se estende, foge e apaga.

Tal sensação, de tal sorte
Em nós alli se produz
Ao vêr o carvalho forte
Semidoirado da luz,
Que esquece a vida e a morte.

Julgo que do Sanctuário
Nos guiara o Bom Jesus!
Que ascensão grata ao Calvário!
Que dôce pêso de Cruz!
Que magestoso sudário!

Quem deixa de ser poeta
Passando algum tempo alli?
Entre a triste violeta
E o *bem-me-quer* que se ri
Dos beijos da *borboleta?*

O verde *sardão* formoso
Sai d'entre as pedras ao sol,
E sobre o muco viscoso
Escorrega o *caracol*
Na casca do tronco edoso.

Nas pernas se balanceia
A *lavandisca* subtil,
E junto d'agua passeia
Com certo garbo gentil,
Olhando a quem a rodeia.

Pelos ramos pendurados
O *pisco* e o *tentilhão*
Lá cantam fraternizados
A liberdade e união
D'aquelles sitios sagrados.

Por entre a relva escorrega
O puro e fino cristal,
Mas... ó gente stulta e cega!
Que não podes, afinal,
Passar sem couve gallega!...

Nesse logar de primores,
Onde parece que só
Habitam dôces amores,
Alfaces, cevada e pó,
E couves junto das flores!?

Alfaces, couves, cevada
Terão belleza tambem;
Não na montanha sagrada
Onde as romeiras vem
Buscar sombra desejada.

Eu quero vêr os insectos,
E quero vêr os reptís,
De ramos os verdes tectos
Que assombram fresco matiz
Dos lyrios, macella e fetos.

Vós, Senhora, em quem estudo
E intelligencia bem vi,
Que apesar do forte escudo
Da modéstia o conheci,
Mas que ainda não vi tudo,

Por quanto, ainda que tarde,
Depois de partido já,
Me disseram que em vós arde
O fogo que Apollo dá,
Sem fazerdes d'isso alarde,

Agora, os meus pequeninos
Animais defendereis;
São accessórios mui dignos
Do *Poema* que lereis
Escripto em versos divinos.

Poema da natureza!!...
É tudo emfim quanto é!...
É graça, é amor, é belleza;
Sentimento, crença e fé,
Liberdade, Deus, riqueza.

Porém, Senhora, abusado
Já tenho muito de mais,
O sermão vai estirado
E vós não m'o encommendais
Por isso sou bem ousado.

Mas desculpai-me o abuso
E vosso Marido emfim;
De dizer julgo que escuso
Que fica no Bomjardim
Ás suas ordens o Luso.

CARTA PRIMEIRA

Do Dr. Morteiro ao seu amigo José das Bichinhas

De terras civilizadas,
Dizem que um homem chegara,
Onde a instrucção ás carradas,
Sempre alli se ministrara.
Terras bem abençoadas!

Um homem que, na verdade,
Não era tôlo nenhum,
Queria só novidade,
Distinguir-se do commum,
Tornar-se celebridade.

Tudo quanto seja antigo,
O sábio não admitte;
E diz logo: — meu amigo,
Silúrico trilobite
É do progresso inimigo.

Eu já me lembrei num dia
D'uma coisa toda nova,
Que a todos grata seria;
D'um Lyceu que fosse prova
De quanto o génio podia.

Lyceu d'aulas espaçosas,
Mas em tanques convertidas,
Com as sciencias famosas
Em agua bem dissolvidas,
Com um cheirinho de rosas.

E para a lingua franceza,
Allemã, mais a latina,
Juntando-lhe a portugueza,
Eu arranjava uma tina,
Mas tudo, tudo á ingleza.

E para mais novidade,
Como é velho já o grêgo,
Achava necessidade
Substituir-lhe o gallego,
Com quem temos amizade.

Dispostos, como rebanhos,
Numa praça em ordem scénica,
Os carvalhos e os castanhos,
E no centro essa hygiénica
Do saber casa de banhos.

Eram coisas nunca vistas!
Matrículas e dinheiro!
Muita gente e muitas listas,
Cada professor banheiro
E os alumnos os banhistas.

Era um lyceu elevado,
Um lyceu onde não chega
Quanto se tem inventado.
Mas a Chímica se nega
A fazer tal *preparado.*

Mas já descobri um meio
De fazer grande figura,
Eu vou tornar, sem receio,
A instrucção mais bem segura.
Agora é que eu dei em cheio.

Pois eu visitei um dia,
Nas viagens que já fiz,
A *Tasmánia!* que alegria
Me trouxe aquelle paiz,
Para o que eu tanto queria!

Alli achei com certeza
Novidade natural,
Que da mestra natureza
Vou mostrar em Portugal
Que terá grande surpresa.

Encontrei um Sêr, que certa
Me dá dos lyceus a norma.
Já todos estão álerta,
Pois sahindo esta reforma
Ficarão de boca aberta.

Era animal vertebrado,
Um animal que espantava!
Eu por mim fiquei pasmado!
Porque das classes gozava
De todas o seu bocado!

= Quem és tu, perguntei logo,
= Responde a quem te quer bem?
«Sou mammifero e não mammo
«Nem tenho orelhas tambem.

«Eu tenho um bico de pato,
«Não tenho útero, mas vês
«Que ave não sou sem ter plumas,
«Sem asas, com quatro pés.

«Tenho espáduas saurianas,
«Arrasto o ventre no chão,
«Mas tambem não sou reptil
«Coberto de pêllos... não.

«E tambem não sou batrachio,
«Pois sempre assim respirei;
«Nadei sempre, mas girino,
«Eu nunca por tal passei.

«Mas eu tambem não sou peixe
«E nas aguas sei nadar,
«Não tenho guelras, e tenho
«Quatro patas para andar.»

= És animal precioso!
= Reunes as classes cinco!
= Dize-me agora o teu nome!?
Eu chamo-me Ornithorynco.

Assim já vêem que é bastante,
Em sete classes ou cinco,
Aprender um estudante
Como o nosso *Ornithorynco.*

Era o ser distincto raro,
Hoje brilham como brincos
Ás duzias, amigo caro,
No lyceu de *Ornithoryncos!*

Verás muitos d'esse enxame,
Que se prepara nos cursos,
Ficarem bem como os ursos,
Sem fazerem um exame.

Se não é muito decente
Qualquer, em todo o seu curso,
Nunca um exame fazer,
Unico e justo recurso
Das provas do seu saber,
Já dado publicamente,
(Diversos modos de vêr...)
Quem é forte não tem medo,
Nesse engano cego e ledo,
Fica filho e pai contente.

CARTA SEGUNDA

Do Dr. Morteiro ao seu amigo José das Bichinhas

Amigo Zé das Bichinhas,
O teu amigo Morteiro
Saúde e muito dinheiro,
Livre da intriga e da inveja,
Do coração te deseja.

Quando o Marquez de Pombal
Foi apeado da sella,
Lá vai Portugal á vela,
Disse elle, em redor olhando,
Como procella esperando!

E não se enganara muito,
Porque esse Corso atrevido,
Pela ambição só movido,
Calcando todo o direito,
Portugal quiz vêr sujeito.

Mas as borrascas passaram,
E este povo sempre honrado,
Sempre livre e socegado,
Desejou a liberdade
Que plantou nesta cidade.

Depois, mais tarde essa amostra,
Ainda que amostra pequena,
Mostrou que valia a pena
Punir por tudo que é justo
Ainda com algum custo.

Trouxe a queda aos monopólios,
Concorrencia aos operários
Que recebiam salários,
Cada qual como devia,
E tudo assim progredia.

Houve então da agricultura
Bellissimas exposições;
Do commércio associações
Expunham em qualquer parte
Productos da indústria e arte.

Havia muito dinheiro,
E dinheiro repartido;
A instrucção tinha subido
E chegava a plena altura,
Por seu valor mais segura.

Mas ficara uma semente
Terrivel, destruidora,
Do progresso assoladora,
Procurando destruir
Tudo que possa fulgir.

Alguns chamam-lhe toupeira,
Outros dizem-na philoxera,
E ha tambem quem dissera
Ser o térmite escondido
Ou animal parecido.

Mas ha tambem quem avance
Que não é d'esses nenhum,
Mas outro que é bem commum
E que tem manha infinita
A que chamam jesuita.

A toupeira é só nos campos
Que levanta alguma terra,
Mas qualquer coisa a desterra;
E a philoxera é no vinho
Que mostra o génio damninho.

Se o térmite entra nas casas,
Entra aquelle e entra em tudo,
Só não entra lá no céo;
Pois este senhor superno
Entra até no mesmo inferno.

Nada lhe fica escondido;
Sobe ao alto quanto póde,
Depois as asas sacode
E vem farejar no chão
Pelas casas d'instrucção.

Tu sabes que ha jesuitas
E outros ajesuitados
Dos primeiros alliados.
Pois este concílio deu
Entrada já no Lyceu.

Mas isto não vai á vela
Como em começo dissemos.
Portugal vai hoje a remos;
De vagar se vai ao longe,
Que o piloto é astuto monge.

Tudo vai mal, tudo, tudo.
Monopólios a valer,
Os ricos a enriquecer,
Para os pobres tudo caro,
Até o peixe é mais raro.

Está bom só para os padres
Que tem a vida folgada,
Estes não perdem pitada,
Pois é certo que da igreja
A telha sempre gotteja.

Não quer o padre que entremos
Em coisas de sacristia,
Tem isto como heresia,
E julga que lhe compete
Metter-se em tudo, e se mette.

Para outra cartinha minha
Dir-te-hei mais coisas do Porto,
E verás como vai tôrto.
Sou teu amigo Morteiro,
Muita saude e dinheiro.

N'um album

Se n'um jardim delicado,
Onde respiram amores,
Arbusto desengraçado
Viesse assombrar as flores,
Roubaria com certeza
O brilho a tanta belleza.

Assim, n'este album mimoso,
Ás artes nobres sagrado,
Onde um nome primoroso
Revela um fructo dourado,
Será desfolhado arbusto
O triste nome d'Augusto.

INDICE

	Pag.
Prefacio	IX
Poemeto heroi-comico	1
Victor Hugo morreu	17
No dia d'um baptisado	18
A verdadeira primavera	20
Aos jovens obreiros amigos do trabalho	21
Talent de bien faire	30
Hymno do lyceu da celestial ordem terceira da Santissima Trindade da cidade do Porto	35
Ás jovens obreiras amigas do trabalho	37
Já velho, quasi em desuso	40
Ouve o filhinho teu, ó mãi querida	40
Ao abade Antonio Pinto Outeiro	41
Esperança	42
Poesia	45
Camões na gruta de Macau	56
A Esmola	58
Ao Infante D. Henrique	58
Á inauguração da ponte de D. Maria	59
O dia de Natal	61
Ao ex.mo snr. Dr. David e Cunha	66
Aos annos d'uma creança	71
Já vi sorrir-me as estrellas	74

Camões. 83
Á morte de Alexandre Herculano 88
Hymno da Beneficencia. 91
Ás creanças do Asylo Viziense da Infancia Desvalida . 94
Ao intelligente, estudioso e habil amador das letras pátrias Augusto de Castro Sampaio Corte-Real. . . 96
Pobreza e Caridade 97
A morte, Senhora antiga 105
O Misanthropo 107
Ao brioso exercito portuguez 122
A volta da Terra Santa 126
Ao espirito sublime do insigne poeta, o Visconde de Almeida Garrett 132
A intelligencia é luz, o sentimento o sol 134
Carta 137
Carta 1.ª do Dr. Morteiro ao seu amigo José das Bichinhas 142
Carta 2.ª do Dr. Morteiro ao seu amigo José das Bichinhas 148
N'um album 153

Sonetos

Jorge, meu bom Jorginho, que em meus braços . . 24
Medicina fallaz, que te alimentas 25
A marcha da vida 26
Ao lyceu do Porto 27
Ao major Serpa Pinto 28
Dai a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus 29
Ao illustre professor do lyceu do Porto Dr. Manoel Correia 49
O lobo por viver mata o cordeiro 50
Ao meu collega e amigo Vidal 51
O perdão 52
O sábio 53
Deus 54
Desejo 55
Lágrimas e dores. 76
O inglez 77
Para vergonha das nações da Europa 78
A Inglaterra, nação a mais damninha. 79
Brioso Portugal, rejeita o luto 80
A Silva Porto 81
A luz da aurora que nos é fagueira 82
Ao Dr. Manoel Correia 100
Todos vós sois irmãos. Phrase divina 101
Passada a Exposição, onde mimosas 102
O sábio, que não sabe, é coisa triste! 103
O cêrco do Porto 104
Eis aqui o Cantor, da pátria amigo 106

Editor — Manoel Thomé de Castro Junior
Campo da Regeneração, 157 — Porto
Composição e impressão na Imprensa Nacional de
Jayme Vasconcellos & Irmão — R. da Picaria, 35 — Porto.

0-14
.3938

86
S
19